

INTEGRALMENTE CORTADOS

1 ARTIGO

INTELLECTUAIS E SOCIEDADE - - -

- - - MAÍRIS MOURTEIRA (NAS 2 VERSÕES)

1 ANTOLOGIA

O PODER DAS PALAVRAS - - -

- - SIMONE WEIL

2 NOTAS DO NOTICIÁRIO CRÍTICO

RAPSÓDIA HAITIANA - - - VASCO

PULIDO

VIAGAR EDULA - - - VASCO PULIDO

1 Textos para ARTES E LETRAS

Três NOTAS PARA UM CORPO

DE DELITO - - - GUYAU ARKIF

PARCIALMENTE CORTADOS

EDITORIAL

ANTOLOGIA DO VIEIRA DE
ALMEIDA

CRONICA DO FERREIRA GOMES

O EXERCITO (NOTA CRITICA)

ARTES E LETRAS

CRITICAS AO V. FERREIRA

E AO FESTIVAL DE SINTRA



GUFFAU ARKP

TRÊS NOTAS PARA UM CORPO DE DELITO

ASCI numa região tristonha, onde se polichinelava pelos arredores. Ninguém fazia coisa que prestasse, mas o destino era ali enfrentado com fanfarras. Dizia-se frequentemente: «Ah, pois.» Assim se abrihantava a ignorância.

Um dia, um desadaptado enervou-se. Estava toda a gente no Domingo, e o homem desatou a protestar.

— Não posso mais — explicou no fim dos gritos.
Perdoaram-lhe depois de ele se enforcar.

*

As vezes, lá na parte do fundo do quintal, havia crises de fé. Falava-se — por exemplo — de quanto se ensinava ser grandioso, após o que vinha silêncio.

— Será só isto — ousei um dia perguntar. Responderam agredindo-me com o hino nacional.

*

A senectude e o fim de nossos Mestres foram desagradáveis. Inquietantes, mesmo. Nada menos do que um acumular de engelhas pessimistas. Cada vez tinham mais medo do que viam cada vez pior.

Quando o último deles estava no minuto de morrer, fez um gesto de pedir ouvidos.

— A alma da pátria — murmurou.

— Como?

Sorria.

— A alma da pátria é um peru de cauda irrepreensível — deixou dito.

Sepultámo-lo aliviadamente, como aos outros. Faltava-nos apenas fazer tudo, sem herança que facilitasse.

(Tradução de NUNO DE BRAGANÇA)

H

SERVIÇOS DE CENSURA
(SEDE)
CORTADO

SIMONE WEIL

NÃO RECOMECEMOS A GUERRA DE TRÓIA

(O poder das palavras)

N. da R. — *Simone Weil publicou o notável artigo, de que hoje publicamos alguns excertos na nossa secção de Antologia, em 1937, na revista Nouveaux Cahiers. Escrito num momento conturbado da história de França e da história internacional, ele guarda — para lá das circunstâncias particulares em que foi publicado — uma actualidade que justifica a sua inserção.*

NA época em que vivemos, a relativa segurança que é dada aos homens por um certo domínio técnico sobre a natureza é largamente compensada pelos riscos de ruínas e mortandades que os conflitos entre os agrupamentos humanos suscitam. Se o perigo é tão grave, é-o, sem dúvida, em parte por causa do poder das armas de destruição que a técnica nos pôs nas mãos; mas, bom é que o não esqueçamos, essas armas não se movem sôzinhas e não é atitude honesta querer lançar sobre a matéria inerte o peso duma situação cuja responsabilidade é inteiramente nossa. Em todos os conflitos, mesmo nos mais graves, existe uma característica comum que poderia serenar os espíritos superficiais, mas que, mau grado as aparências, lhe confere o seu verdadeiro perigo: *o não terem esses conflitos um objectivo definitivo.* Através de toda a história humana, é possível verificar-se que os conflitos incomparavelmente mais encarniçados foram aqueles que não tiveram objectivo algum. Desde que se tenha apreendido claramente este paradoxo, surge-nos ele como uma das chaves da história; é, sem dúvida, a chave da nossa época.

Quando a luta se trava em torno duma presa bem definida, cada uma das partes em jogo pode pesar juntamente o valor dessa presa e os riscos prováveis da luta, pode decidir até onde valerá a pena levar os seus esforços; geralmente nem sequer é difícil chegar a um compromisso que seja preferível, para cada um dos adversários, a uma batalha, mesmo vitoriosa. Mas quando uma luta não tem objectivo, deixa de haver medida comum, deixa de haver balança, deixa de haver proporção, deixa de haver comparação possível; um compromisso não é, sequer, concebível; a importância da batalha passa a medir-se unicamente pelos sacrifícios que exige, e como, por via deste mesmo facto, os sacrifícios já realizados invocam permanentemente novos sacrifícios, deixaria de haver uma razão para que se acabasse de matar e de morrer, se, por felicidade, as forças humanas não acabassem por chegar a um limite. Este paradoxo é tão violento que escapa à análise. Contudo, todos os chamados homens cultos conhecem bem o mais perfeito exemplo do que acabo de dizer; sômente uma como que fatalidade faz com que se não compreenda o que se lê.

Gregos e troianos entre-assassinaram-se outrora, durante dez anos, por causa de Helena. Para nenhum deles, excepto para o guerreiro amador Páris, Helena tinha qualquer espécie de importância; todos estavam de acordo em amaldiçoar o

REPRODUÇÃO
 PROIBIDA
 SEM
 A
 AUTORIZAÇÃO
 DO
 EDITOR
 CORTADO

SERVIÇOS DE CENSURA
REPARTIÇÃO GERAL
VISADO
4

O TEMPO E O MODO—N.º 8

Provas remetidas à Censura

em 26/9/63

Prova n.º 27

Saída em 28/9/63

dia em que ela vira a luz. A pessoa de Helena era tão evidentemente sem proporção com aquela gigantesca luta, que, aos olhos de todos, Helena constituía simplesmente o símbolo da verdadeira presa; mas ninguém era capaz de definir a verdadeira presa, ela não podia mesmo ser definida porque não existia. Assim sendo, não podia ser medida. Apenas se imaginava a sua importância pelas mortes já passadas e por aquelas que se haveriam de passar. Por isso, essa importância excedia todo o limite assinalável. Pressentia Heitor que a sua cidade havia de ser destruída, seus pais e seus irmãos assassinados, sua mulher degradada por uma escravatura pior do que a morte; sabia Aquiles que deixava seu pai exposto às misérias e humilhações duma velhice sem protecção; sabia a massa dos soldados que os seus lares seriam destruídos por tão longa ausência, nenhum pensava que tais preços fossem exagerados, pois que todos visavam qualquer coisa que não existia, e o valor do que não existe mede-se unicamente pelo preço que for preciso pagar. Para envergonhar os Gregos que se propunham abandonar a luta e regressar, Minerva e Ulisses pensavam encontrar um argumento suficientemente forte, ao evocar os sofrimentos dos camaradas mortos. Três mil anos volvidos, ouvimos na sua boca e na boca de Poincaré exactamente a mesma argumentação para impedir que se aceitem as propostas duma paz morna. Nos nossos dias, para explicar esta sombria fúria de acumular ruínas inúteis, a imaginação popular recorre às supostas intrigas dos potentados económicos. Mas é inútil procurar tão longe. Os gregos do tempo de Homero não tinham comércio de bronze organizado, ou Comités de ferreiros. Ou melhor, no espirito dos contemporâneos de Homero o papel que atribuímos às misteriosas oligarquias económicas era desempenhado pelos deuses da mitologia grega. Contudo, para empurrar os homens para as absurdas catástrofes, não são necessários nem deuses nem secretas maquinações. Basta a natureza humana.

Para os que sabem ver, não há hoje sintoma que seja mais angustiante do que o carácter irreal da maior parte dos conflitos que surgem. Têm mesmo menos realidade do que o conflito que opunha gregos a troianos. No centro da guerra de Tróia, havia ainda uma mulher, e, o que é mais, uma mulher extremamente bela. Para os nossos contemporâneos, o papel de Helena é substituído por o de palavras, palavras maiúsculadas. Se nos apoderássemos, para tentar comprimi-las, de uma dessas palavras, plenas de sangue e de lágrimas, encontrá-las-íamos vazias de conteúdo. Às palavras que têm um conteúdo e um sentido não são assassinas. Se acontece que uma delas se mistura à efusão de sangue, é mais por acidente do que por fatalidade, e trata-se, em geral, duma acção limitada e eficaz. Mas dêem-se maiúsculas a palavras vazias de significado e, por pouco que as circunstâncias actuem, os homens derramarão o seu sangue, amontoarão ruínas sobre ruínas, repetindo obstinadamente essas palavras, sem nunca poderem obter efectivamente delas algo que a elas corresponda, pois que, nada significando, nada pode, também, corresponder-lhes. O sucesso define-se, então, exclusivamente pelo aniquilamento daqueles grupos de homens que invocam palavras inimigas sendo, como é, característica destas palavras o agruparem-se antagónicamente. Mas uma vez definida uma dessas palavras, ei-la que perde a sua maiúscula, ei-la que deixa de servir de bandeira e de conservar o seu lugar entre os da palavra de ordem inimigas, para a ser simplesmente uma referência para ajudar a compreender uma realidade concreta, um objectivo concreto, ou um método de acção. Esclarece noções, descredita as palavras congenitalmente vazias, definir, por meio de análises precisas, o uso de outras, é, por muito estranho que possa parecer, uma tarefa que podia

SERVIÇOS DE CENSURA
(SEDE)
CORTADO

2

SERVIÇOS DE CENSURA
REPARTIÇÃO GERAL
VISADO

Provas remetidas à Censura

em... 26/9/63

Prova n.º 28

Saída em 28/9/63

poupar existências humanas.

Para este trabalho, a nossa época parece relativamente inapta. A nossa civilização cobre com o seu esplendor uma verdadeira decadência intelectual. Não concedemos à superstição, no nosso espírito, nenhum lugar reservado, análogo à mitologia grega, e a superstição vinga-se invadindo, a coberto dum vocabulário abstracto todo o domínio do pensamento. A nossa ciência contém, como que em armazém, os mais requintados mecanismos intelectuais para resolver os mais complexos problemas, mas permanecemos quase incapazes para aplicar os métodos elementares de um pensamento racional. Em todos os domínios, parecemos ter perdido as noções essenciais da inteligência, as razões de limite, de grau, de proporção, de relação, de afinidade, de condição, de ligação necessária, de conexão entre meios e fins. Para nos atermos somente aos problemas humanos, basta considerar como o nosso universo político está exclusivamente povoado de mitos e de monstros, mais não conhecemos que entidades, absolutos. Todas as palavras do vocabulário político e social podem servir de exemplo. Nação, segurança, capitalismo, comunismo, fascismo, ordem, autoridade, propriedade, democracia, podíamos tomá-las todas, umas após outras. Nunca as colocamos em fórmulas tais como: Há democracia na medida em que..., ou ainda: Há capitalismo, desde que... O emprego de expressões do tipo de «na medida em que» ultrapassa a nossa capacidade intelectual. Cada uma dessas palavras parece representar uma realidade absoluta, independente de todas as condições ou um fim absoluto, independente de todos os modos de acção, ou um mal absoluto; e, simultaneamente, sob cada uma dessas palavras vamos metendo, alternadamente, tudo o que sob elas queremos meter. Vivemos no meio de realidades mudáveis, diversas, determinadas pelo jogo moveição das necessidades exteriores, transformando-se em função de certas condições e dentro de certos limites; mas agimos, lutamos, sacrificamo-nos a nós próprios e aos outros ao sabor de abstrações cristalizadas, isoladas, impossíveis de relacionar entre si com as coisas concretas. A nossa época, dita técnica, mais não sabe do que bater-se contra moinhos de vento.

Se analisássemos todas as palavras, todas as fórmulas que, ao longo da história humana, tem suscitado tanto o espírito de sacrifício como o de crueldade, encontrá-las-íamos, sem dúvida, igualmente vazias. E, no entanto, todas essas entidades, ávidas de sangue humano, devem ter, certamente, uma relação qualquer com a vida real. E, efectivamente, têm-na. Talvez que em Tróia não houvesse mais do que o fantasma de Helena, mas o exército grego e o exército troiano não eram fantasmas. Do mesmo modo se a palavra nação e as expressões de que faz parte são vazias de sentido, os diferentes Estados, com as suas repartições, as suas prisões, os seus arsenais, as suas casernas e as suas alfândegas, são muitíssimo reais. A distinção teórica entre as várias formas de regime totalitário é imaginária, mas, na Alemanha, em 1932, existiam efectivamente duas organizações políticas, cada uma delas aspirando no poder total e, consequentemente, à eliminação da outra. Um partido democrático pôde tornar-se, pouco a pouco, num partido ditatorial, mas não deixa por isso de permanecer, sempre, distinto do partido ditatorial que se esforça por esmagar: pode a França, ao defender-se contra a Alemanha, submeter-se, por sua vez, a um regime ditatorial, mas o Estado francês e o estado alemão permanecerão, não obstante, dois estados distintos. Destruição e conservação do capitalismo são palavras de ordem sem contecido, mas por detrás delas existem, agrupadas, reais organizações. A cada abstracção vaiia corresponde um agrupa-

SERVIÇOS DE CENSURA
(SEDE)
CORTADO

SERVÍCIOS DE CENSURA
PARTIÇÃO GERAL
VISADO
2

O TEMPO E O MODO—N.º 8

Provas remetidas à Censura

em... 26/9 /63

Prova n.º 29

Seida em 28/9/63

mento humano. As abstracções que não pertencem a este caso, são inofensivas; reciprocamente os agrupamentos que não segregarem entidades serão, provavelmente, inofensivos também. Jules Romain representou magnificamente esta espécie particular de segregação quando pôs na boca de Vinock a fórmula «Acima do interesse do doente e do interesse do médico, existe o interesse da medicina», o que não passa duma frase de comédia, apenas porque ainda não saiu dos sindicatos médicos uma entidade deste género; semelhantes entidades procedem sempre do organismo que tem por carácter comum deter um poder ou visar um poder. Todos os absurdos que fazem com que a história se assemelhe a um longo delírio, têm raiz num absurdo essencial: a natureza do poder. É tangível, palpavelmente necessário que exista um poder, porque a ordem é indispensável à existência, mas a atribuição do poder é arbitraria, porque os homens são sempre os mesmos, ou quase sempre os mesmos; não deve, contudo, aparecer como arbitraria, porque, se assim fosse, deixaria de haver poder. O prestígio, ou seja a ilusão, está assim no próprio coração do poder. Todo o poder repousa sobre as relações entre as actividades humanas; mas um poder, para ser estável, deve surgir como algo de absoluto, de intangível, para aqueles que o detêm, para aqueles que o suportam e para os poderes exteriores. As condições da ordem são essencialmente contraditórias e os homens parecem ter que escolher entre a anarquia que acompanha os fracos poderes e as guerras de toda a espécie suscitadas pela preocupação do prestígio.

Traduzidos na linguagem do poder os absurdos, referidos, deixam de surgir como tais. Acaso, não parece natural que cada estado defina o interesse nacional pela capacidade de sustentar a guerra, uma vez que está rodeado de estados que podem, se verificarem a sua fraqueza, subjugá-lo pelas armas? Parece não haver meio termo entre manter um lugar na corrida para a preparação da guerra o ter que aceitar, possivelmente, dos outros estados armados uma qualquer forma de sujeição que estes queiram impor. O desarmamento geral só suprimiria esta dificuldade se fosse completo, o que é dificilmente concebível. Por outro lado, um Estado não pode mostrar fraqueza perante os estados estrangeiros sem correr o risco de dar aos seus súbditos a tentação de sacudir e abalar a sua autoridade. Se Priamo e Heitor tivessem restituído Helena aos gregos, teriam corrido a torto o risco de fazer surgir naqueles um maior desejo de destruir uma cidade aparentemente tão mal preparada para a defesa, como aqueloutro de um levantamento geral em Tróia, não porque a restituição de Helena tivesse indignado os troianos, mas porque os teria feito pensar que os homens a que obedeciam não eram tão poderosos quanto pensavam...

Dum modo geral, todo o poder é essencialmente frágil; tem, pois, que se defender, pois que se o não fizesse deixaria de haver na vida social um mínimo de estabilidade. Mas a ofensiva surge quase sempre, com razão ou sem ela, como a única táctica defensiva e isto é verdade igualmente para todos. É, até, natural que sejam principalmente os diferendos imaginários que suscitem os mais impiedosos conflitos, porquanto são esses os que não se colocam tão somente no plano do poder e do prestígio. Seria talvez mais fácil à França conceder à Alemanha matérias-primas do que meia dúzia de hectares das terras chamadas colónias, seria mais fácil à Alemanha passar sem matérias-primas do que sem a palavra colónia. A contradição essencial à sociedade humana reside no facto de toda a situação social repousar sobre um equilíbrio de forças, um equilíbrio de pressões, análogo ao

SERVÍCIOS DE CENSURA
(SEDE)
CORTADO

Provas remetidas à Censura

em 26/9/63

Prova n.º 30

Saída em 28/9/63

SERVIÇOS DE CENSURA
REDAÇÃO GERAL

equilíbrio dos fluidos; mas os prestígios não se equilibram, o prestígio não aceita limites, toda a satisfação de prestígio próprio sendo um atentado contra o prestígio ou a dignidade de outrem. E o prestígio é inseparável do poder. Parece que atingimos aqui um desses becos sem saída de que só por milagre e humanidade pode sair. Mas a vida humana é feita de milagres. Quem acreditaria que uma catedral gótica pudesse conservar-se de pé, se o não verificasse quotidianamente? Uma vez que é um facto que se não vive sempre em guerra, não é impossível que se viva, um dia, indefinidamente, em paz. Um problema posto com todos os seus dados reais está muito próximo de ser um problema resolvido. Nunca se pôs, desse modo, o problema da paz internacional e civil.

*
* * *

É a nuvem das entidades vazias que impede não apenas que nos apercebamos dos dados do problema, mas até que compreendamos que este é um problema a resolver e não uma fatalidade que temos, passivamente, que aceitar. Foram essas entidades, que adormentaram e estupidificaram os espiritos; não somente são causa de morte, como, o que é infinitamente mais grave, levam ao esquecimento do valor da vida. A caça às entidades, em todos os domínios da vida política e social, é uma obra urgente de sanidade pública. Não é caçada fácil: toda a atmosfera intelectual da nossa época favorece o florescimento e a multiplicação de entidades. E com razão nos perguntamos se, reformando-se os métodos de ensino e de vulgarização científica, banindo a grosseira superstição que se instalou ao abrigo dum vocabulário artificial, conferindo às humanas mentes a recta utilização de locuções como *na medida em que, desde que, salvo se, em relação a*, desacreditando todos os raciocínios viciosos que pretendem voltar a fazer admitir que o ópio tem virtudes dormitivas, se não prestaria aos nossos contemporâneos um serviço prático de primeira ordem. Uma elevação geral do nível intelectual favorecerá singularmente todo e qualquer esforço de esclarecimento que reduzisse às suas verdadeiras e pobres proporções as imaginárias causas do conflito. É certo que não faltam pessoas, em todos os domínios, que nos exortam ao apaziguamento; mas não é menor certo que, regra geral, esses sermões têm como objectivo não o despertar das inteligências e a eliminação dos pseudo-conflitos, mas o adormecimento e atabafamento dos conflitos reais. Os fecundos oradores que desfraldando a bandeira da paz internacional, compreendem essa expressão como equivalente da indefinida manutenção do *status quo* em exclusivo benefício do estado francês, os que pregam a paz social, mas quem conservar intactos os seus privilégios ou, pelo menos, subordinar qualquer modificação à vontade e bel-prazer dos privilegiados, esses, todos esses, são os verdadeiros e mais perigosos inimigos da paz internacional e civil. A questão não reside, nem residirá nunca, em imobilizar artificialmente relações de força essencialmente variáveis, e que tenderão sempre a ser sacudidas por aqueles que as suportam; a questão reside em distinguir entre o imaginário e o real para diminuir os riscos de guerra, sem renunciar à luta, que já Heredito reconhecia ser condição da vida.

SIMONE WEIL

H

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

5

Provas remetidas à Censura

em 27/9/63

Prova n.º 43

Saída em 28/9/63



veram e progrediram, ligados fundamentalmente por uma concepção política aglutinadora. Assim, um dos grupos étnicos mais agressivos e expansionistas do Ocidente, os Romanos, celebrados pelo génio político, não conseguiram formar um império estável; e pode dizer-se, que esse «génio político» é uma das metáforas infelizes da história. De todos os grandes impérios que a Europa conheceu, nem o romano, nem o carolino, nem o otomano, nem o religioso de Gregório VII, nem o Sacro Império tiveram vida longa e desafogada. O único império actual duradouro é o inglês, aquele em que a compreensão do valor das concepções políticas se tem mantido. Pode evidentemente negar-se que seja um império à maneira antiga; e com razão; mas o que mantém a coesão é a consciência da vantagem da coesão; e tanto assim que outras confederações europeias, superficialmente do mesmo molde, pela falta de essa compreensão como elemento basilar de estabilidade, têm resvalado na concepção da superioridade racial e regressado a teorias que são a forma velada da ambição e a crença na missão própria. Então as mais extravagantes, as mais absurdas, as mais estúpidas teorias sociais se engendram para justificar quanto pretende fazer-se. ~~o pior é que, por exemplo, entre essas doutrinas figura a da~~

~~santidade da guerra, a sublimidade da guerra; e tal doutrina faz caminho e lança no morticínio milhares e milhares de homens, cuja vida se tem o impudor cínico de declarar que pertence ao Estado; e se a guerra falha, se o etnos agressor e que blasonava impudentemente de forte fica derrotado, vencido, humilhado, réu de crimes colectivos tais que a sensibilidade (humana, não a canibal) não pode deixar de revoltar-se, qual a doutrina inventada depois pelo etnos para justificar a derrota?~~

~~Decerto ele inventa uma; sempre nas grandes desgraças públicas a sensibilidade colectiva faz da miséria nobreza, como se vê na história de todos os sebastianismos. Já houve um país onde nas escolas se ensinava aos rapazes que por intervenção diabólica na guerra o seu exército, sempre vitorioso, tivera de ceder e retirar-se à pátria, ali tomou depois a atitude de valente que disfarça a humilhação incontestável da derrota.~~

~~Melhor do que as lendas e os devaneios populares, mas obedecendo ao mesmo impulso falou o poeta Diogo Bernardes na elegia composta sobre o desastre de Alcácer-Quibir, a que assistira e onde fora cativo:~~

~~Morrestes, cavaleiros esforçados,
De aquela multidão de bruta gente
Vencidos não, mas de vencer cansados.~~

Prof. VIEIRA DE ALMEIDA

8

1

AUTORIZADO
(SÉDE)
COM
GORTES

Provas de 44
a
54

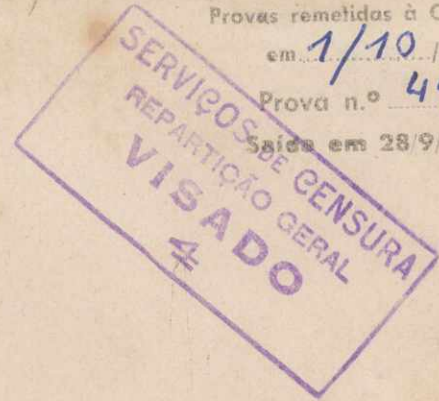
O TEMPO E O MODO - N.º 8

Provas remetidas à Censura

em 1/10/63

Prova n.º 44

Saida em 28/9/63



RAPSÓDIA HAITIANA

«O Século», 24 de Setembro de 1963

O Haiti, com uma população de 4 milhões de habitantes, possui cerca de 10 000 milicianos, fortemente armados, alguns milhares de agentes da policia secreta e da guarda pessoal do presidente, em número de 1500, cuja função é, sobretudo, assegurar a tranquilidade de Duvalier e de sua família. A marinha haitiana é muito mais pequena e menos bem armada do que a da República Dominicana e a força aérea possui alguns caças americanos, tipo Mustang, da segunda guerra mundial. O exército dispõe apenas de cinco peças de artilharia. — (R.)

Nos belos tempos em que Trujillo vivia e o rosmaninho lá estava, cada um pensava apenas em guardar-se bem dos compatriotas e sabia com doce confiança que não iria precisar de se guardar do outro, até porque o outro, ocupado a guardar-se, não tinha tempo para abusar do vizinho.

Mas desleixadamente Trujillo deixou-se surpreender, o que veio prejudicar Kim Novak, coisinha do generalissimo do filho, e o presidente Duvalier ali ao lado, coitadinho. Agora, portanto, o pobre Papa Duvalier do Haiti (assim cognominado

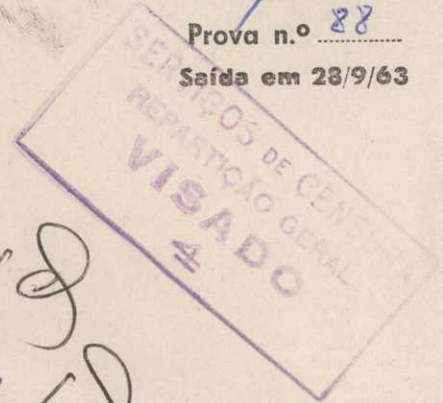
SERVIÇOS DE CENSURA
(SDFE)
CORTADO

Provas remetidas à Censura

em 9/10/63

Prova n.º 88

Saída em 28/9/63



fiços de Malreux, e [redacted] participação nos movimentos revolucionários chineses, na Guerra de Espanha; na Resistência [redacted] adesão a De Gaulle, atitude face à Guerra da Argélia, actuais opções políticas — para se ater demoradamente na temática duma obra e no combate — mais secreto — por essa obra implicado. Desse decorrem os temas comuns e que de V. F. são: a solidão e a fraternidade entre os homens, a violência, o sofrimento, a impossibilidade dum paraíso terreal e o desejo absurdo de o construir, a fatalidade como pólo oposto à vontade humana e — V. F. dedica a este último aspecto todo um capítulo — a importância e o significado da Arte e o papel da criação estética. Isto, para só citarmos alguns temas maiores. Outros poderão salientar, e lastimar que lhes não tenha sido dado devido destaque. Mas o próprio V. F.

algures o escreveu, mais ou menos por estas palavras: «só é importante o que é importante para nós». Daí que toda a crítica que se guie por divergentes padrões seja, naturalmente, ociosa.

Visto doutro ângulo, se perderia o sentido desses longos monólogos em que, como sucede nas muito belas páginas sobre a infância (112-113), quase se deixa de saber se é ainda de Malreux ou de si próprio que V. F. fala («O infância que voltas à hora do fim, para que o ciclo se feche (...) em que se reencontra uma identificação em inocência que se projecta muito para além dum tema, no próprio cerne das personagens — tornadas monstros familiares.

Um pensador insuspeito — Emmanuel Mounier — escreveu, já depois da «fase De Gaulle» de Malreux, um ensaio sobre esse romancista a que chamou «Le Conquérant Aveugle». Lendo a obra de V. F. várias vezes me lembrei desse título e desse artigo: o que une os dois romancistas — para lá de todos os evidentes desníveis de estatura de um para outro — e ainda esse combate na zona que tão só interessa: aquele em que, nas trevas,

Handwritten initials and scribbles.

Handwritten signature: O Director da Censura

Handwritten signature: Cortes

Stamp: SERVIÇOS DE CENSURA (SÉDE) AUTORIZADO GOM CORTES





assumimos o peso destas horas, nas quais, em negação e raiva, em trevas ainda se ressurgem.

É exactamente esse combate e essa obscuridade — mesma e essencial — que escapando àqueles — mais ou menos voluntários míopes — a quem V. F. chama irónicamente «os profissionais do optimismo» tem levado tantos a precipitar sobre elas tão parciais e superficiais acusações. No caso do romancista português cremos serem elas pelo que representam de fundamental no «momento de negação» que atravessamos e de cuja duração ou eternidade nada sabemos, nem em rigor o podemos saber, que lhe conferem a dimensão maior e a maior presença. A obra de Vergílio Ferreira com todas as suas limitações — que as tem e com toda a sua importância — indiscutível — assume, por isso mesmo — aqui e agora — o tom mais «resistente» que nos é possível, traçando, sem as certezas que não podemos ter e os primorismos que não mais nos deviam ser consentidos a única luta que, mesmo que perdida, é ainda ganha. Aquela a que se referia o poeta M. S. Lourenço, quando, em resposta a O TEMPO E O MODO não pôde inserir no seu número especial, escrevia: «Há um único ponto em que dou razão aos nossos draconianos realistas: em que combatem. Há uma parte da literatura que também é combate: mas essa é dirigida para outras regiões. Faio do combate à Asfixia». Não tem sido outro o combate de o autor de O Apelo da Noite, pelo menos na sua mais recente produção. É dever da mais elementar proibidade assinalá-lo. É dever da mais elementar justiça agradecer-lo, sobretudo, para aqueles que, nesta hora em que Vergílio Ferreira vem sendo alvo duma campanha demasiado insinuada, sintam — e este seu Malreux mais uma vez no-lo faz sentir — quanto deveremos todos, um dia, à sua tenaz e persistente lucidez, honestidade e coragem.

O Dr. Victor Macedo
 ocorre pelo
 SERVIÇOS DE CENSURA (SÉDE)
 CORTADO

9

JOAO BENARD DA COSTA

H

Provas remetidas à Censura

em 9/19/63

Prova n.º 93

Saída em 28/9/63



rigidez—podem chamar-lhe sobriedade -- no expressionismo. Claro que—ao que é corrente crer-se—Buxtehude deve ser... frio. Mas com certeza o não era Schubert; mesmo nas missas como a agora ouvida (em sol maior).

Comecei pelas «atrações inglesas»: tipicamente posso continuar (e concluir) com uma «atração italiana»: o Piccolo Coro di Valseriana (I. N. C. A. S.), dirigido por Mino Bordignon. Quem pôde fazer a experiência de ouvir sucessivamente num disco (uma gravação NIXA patrocinada pela UNESCO) as interpretações (em Eistedford) do Conteaponto Bestiale de Adriano Banchieri (um dos últimos grandes polifonistas «clássicos» italianos(por coros ingleses, americanos e um pequeno coro italiano (o Nuovo Madrigaletto) avalia que a qualidade dos coros italianos em música popular característica é quase insuportável em refinamento artístico. Foi o que reverifiquei — alfandegariamente — com Il Piccolo Coro di Valseriana que encerrou o VII Festival de Sintra.

★

~~Turisticamente:~~ não se venderam queijadas; os transportes não tinham horários planeados para refeições; na estação de Sintra ninguém sabia dar indicações, etc., etc. Mas foi familiar; com surpresas; ameno... Tire o leitor as conclusões que quiser e perdoem-me os de boa vontade que conseguiram realizar com as dificuldades monstruosas que se adivinham mais este Festival de Sintra que serviu para me distrair bastantes vezes — desportivamente —, me encantar algumas e — já o consigo! — nunca me indignou. Creio que isto terá sucedido à maioria dos seus frequentadores. E não esqueço a amabilidade de muitos dos responsáveis pelo Festival e que o tornaram — quanto possível — um êxito social embora — porque não dizê-lo... com ternura? — familiar e arrabaldino.

JOSÉ BLANC DE PORTUGAL

H

SERVIÇOS DE CENSURA
(SEDE)
AUTORIZADO
COM
CORTES

em 9/10/63

Prova n.º 94

Saída em 28/9/63

SERVIÇOS DE CENSURA
 VISADO
 4

VIETNAM: O IMPROVAVEL NEUTRALISMO

FALANDO recentemente a propósito da situação no Vietnam do Sul, o presidente Kennedy afirmou «Somos a favor de tudo o que nos ajudar a ganhar a guerra; somos contra tudo o que possa prejudicar o esforço de guerra». A clareza desta política tem a suprema vantagem de não permitir grandes subtilezas na análise e interpretação dos acontecimentos. Por outro lado, cataloga definitivamente a panaceia neutralista — o príncipe Souvana Phouma, aliás, seu indómito campeão no vizinho Laos, também já falou disso com desencantada sinceridade: «A sorte do Laos está nas mãos das grandes potências».

Há, porém, uma questão de metodologia que oferece várias dificuldades e cuja resolução parece estar a embaraçar a administração americana. Resume-se assim: será o governo Diem capaz de assegurar a vitória que Kennedy deseja? Ou por outra: não será ridículo e sobretudo contraproducente querer construir o «Vietnam livre» a partir do nepotismo da família Ngo Dinh? Quinze mil soldados americanos e um milhão e meio de dólares por dia continuam, por enquanto, a apostar nessa política arriscada. O próprio Dean Rusk admite o compromisso: «Teremos de suportar um período de tensão e de algumas dificuldades, mas estou convencido de que o Governo do Vietnam encontrará as soluções adequadas...» Temos, no entanto, assistido a uma série de episódios que certamente não abonam esta tese e que põem a descoberto ~~a pusilanimidade~~ e as contradições da linha seguida pelo Departamento de Estado. Enquanto a Senhora Nhu, em viagem de «esclarecimento» que começou em Belgrado, continuou em Atenas, Roma e Paris e ameaça estender-se aos Estados Unidos, define, em curiosas asserções, os pontos de vista familiares, os irmãos Nhu e Diem esquecem o problema religioso, que continua latente e já provocou seis suicídios de protesto, «preparam» as eleições para a Assembleia Nacional e, em medida demagógica, nas vésperas da Assembleia Geral da O. N. U. que inclui na sua agenda «a questão budista», levantam a lei marcial e atenuam a censura à imprensa. O conselheiro Nhu acrescenta ainda, em entrevista concedida a Joseph Alsop, que, mesmo sem o auxílio americano, ele vencerá a guerra «à cabeça de um grande movimento de guerrilhas». Opinião singularmente contrastante com a exarada pelo senador Mike Mansfield no relatório que, a pedido de Kennedy, elaborou sobre as condições de luta com os Vietcongs: «situação desastrosa» apenas amável por uma rápida e fulminante ofensiva. A tática das «aldeias estratégicas» adoptada pelo

SERVIÇOS DE CENSURA

(SÉDE)

AUTORIZADO

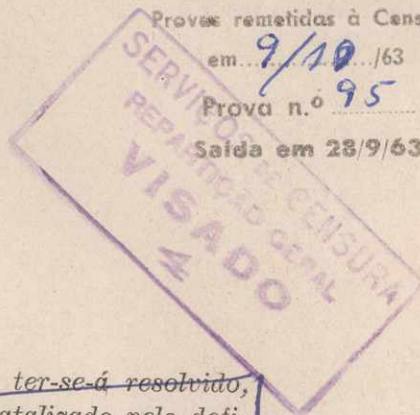
COM
CORTES

Provas remetidas à Censura

em 9/10/63

Prova n.º 95

Saída em 23/9/63



~~general Paul Harkins, chefe das forças americanas, ter-se-á resolvido, a breve trecho, num malogro quase absoluto que é catalizado pelo deficiente ânimo das tropas sulistas, falhas de entusiasmo e de convicção. Hanoi vai assim marcando pontos preciosos, beneficiando, a um tempo, do auxílio prestado pelo bloco comunista e das fraquezas do adversário.~~

A recente visita que o Secretário da Defesa Robert Mac Namara e o general Maxwell Taylor fizeram ao teatro das operações, e de que ainda nada ou muito pouco transpirou, poderá ser de primordial importância para um reajustamento da política americana ~~em todo o caso já handicada por esta teoria de hesitações, recuos e compromissos.~~ Jean Laconture, em Le Monde, sistematiza assim as «saídas» sem Diem, que constituem outras tantas correntes das forças da oposição: «1) Os primeiros não vêem — ou fazem de conta que não vêem, para não escandalizar os americanos a quem pedem a investidura — outra saída senão o prosseguimento da guerra. Querem, no fundo, fazer «diemismo sem Diem» — com «o apoio das populações.» (...).

2) Outros desejam tomar contacto com o Vietcone e estabelecer com ele laços de coexistência cultural e comercial. Mas não aceitam uma «neutralização» do Vietnã do Sul a não ser que ela se estenda ao conjunto do país, incluído o Norte. (...).

3) Para lá destas posições, encontra-se um grupo formado, sobretudo, por Conchinchineses, que encara a neutralização do Vietnã meridional sem contrapartida automática do Norte. No entanto, este neutralismo vis-à-vis do exterior — e comportando a evacuação progressiva das forças americanas — não deve completar-se, no domínio interno, por um sistema de governo fricéfalo do estilo do que prevaleceu no Laos. (...). As personalidades deste grupo recusam-se a admitir uma participação dos comunistas no poder mas insistem vivamente na participação dos leaders budistas mais engagés.

4) Enfim, o «Comité para a paz e renovação do Vietnã do Sul (...) preconiza uma solução «laociana»: neutralidade garantida por uma conferência internacional e estendendo-se tanto às relações internacionais como à organização do poder interno, ao qual propõe associar os combatentes da «Frente de Libertação Nacional», fortemente enquadrada pelos comunistas.»

Postas nestes termos as coordenadas de uma futura evolução, que parece de facto inadiável, relevará decisivamente a atitude dos Estados Unidos e a determinação das forças internas hostis à oligarquia do presidente Diem, v. g. a comunidade dos budistas, a classe militar e os componentes da «Frente de Libertação». Os primeiros, vítimas de uma

SERVIÇOS DE CENSURA

(SÉDE)

AUTORIZADO

COM
CORTES



discriminação sem quartel, que as próprias estruturas hierárquicas da Igreja Católica já condenaram pela voz máxima de Paulo VI, constituem um sector que, mercê de uma filosofia de vida impregnada de quietismo e de resignação, não garante, uma vez atendidas as suas desesperadas reclamações, uma participação dinâmica na vida pública nem uma decisiva influência nos destinos do país. Entretanto, a sua luta, o seu desespero e as injustiças que o regime do católico Diem lhes inflige podem motivar deserções na máquina militar que conta nas suas fileiras uma esmagadora maioria de budistas. A «greve da guerra», ao que parece, não é, no Vietnam, uma mera figura de retórica, apesar dos postos de comando estarem, na maior parte, entregues a católicos da confiança do governo (treze dos dezanove generais são católicos, segundo números fornecidos pelos sectores da oposição). A «Frente de Libertação Nacional» não esconde as relações que entretece com Ho Chi Minh, não obstante muitas das suas figuras gradas não professarem ideias comunistas. A sua política, terá assim de reflectir, em maior ou menor proporção, as opções do Vietcons que agora se debate no vendaval do litígio sino-soviético. Se, como parece, a simpatia de Hanoi se inclinar abertamente para Pequim (Ho Chi Minh não assinou o tratado de Moscovo) os comunistas terão de construir um sistema de relações com os países capitalistas, únicos capazes de assegurar, uma vez cortado o auxílio da U. R. S. S. e das repúblicas populares ocidentais, uma assistência técnica de decisiva importância para o Vietcons na actual conjuntura. De Gaulle parece não o ter compreendido na sua célebre declaração sobre o conflito vietnamês: os vestígios de Dien-Bien Phu e uma visceral pudícia de colaborar abertamente com um governo comunista podem ter desempenhado importante papel na posição do Presidente da República francesa.

Face a este panorama, o presidente Kennedy é pela guerra a todo o transe, com ou sem Diem, até à vitória final. A solução neutralista, cujo prestígio está a ser fortemente abalado pela agonia laociana, está assim condenada por esta atitude intransigente, como também o parece estar pela tendência dominante da evolução interna. Uma visão a longo prazo do concerto político mundial não deixará de colher interessantes conclusões na análise de uma situação como esta que agora é vigente no Vietnam. A fundamental dicotomia que as forças políticas actuais desenham admite certamente uma resolução unitária que o exemplo do Vietnam pode vir a ilustrar. ~~Penas é que o sangue dos homens tenha de ser a principal moeda do progresso do mundo.~~

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO COM 3 CORTES

Provas remetidas à Censura

em 9/10/63

Prova n.º 98

Saída em 28/9/63



está determinada por necessidades elementares, mas enfrenta agora os problemas de um aparelho produtivo diversificado, já erguido. Por isso se diz, na China, que a U. R. S. S. está longe do impulso inicial, posteriormente encarnado por chineses, vietnameses e cubanos. Do lado russo se argumenta que «a universalidade do marxismo-leninismo depende da forma como os vários partidos respeitem as especificidades e singularidades uns dos outros». E ainda que os estragos causados ao movimento comunista por uma estratégia militar de blocos não têm paralelo com os que derivem de (por exemplo) um auxílio à Índia de Nehru.

E no Ocidente? É sabido como aqui as forças mais representativas se têm esforçado por impedir a oposição entre os que ~~o~~ ~~o~~ socialista designa por «opressores e oprimidos», cu seja, entre o ~~um~~ mundo tecnologicamente avançado e o tal terceiro, ainda em luta para simplesmente sobreviver. Esses esforços — pensemos na acção americana em África, por exemplo — estão intimamente ligados ao problema do neo-colonialismo¹, e, para nos reportarmos ao já mencionado caso da Índia de Nehru têm ilustração na sua dependência de certas entidades internacionais (BIRD, Fundo Monetário) e ainda no episódio de Kerala.

Não obstante, os problemas das nações subdesenvolvidas não podem analisar-se todos segundo o mesmo ângulo. Por exemplo: eles são diversos consoante a vastidão daquelas. A política de Nascor, apesar de nunca apoiada em levantamentos populares, foi possível fazer coisas não factíveis senão por outros meios em nações gigantes. (Citámos a política interna egípcia como exemplo teórico e não moral).

Coeexistir em paz exige uma paciência. Foi pensando nesta que André Gores, defendendo o acordo de Moscovo, sublinhava que, no Estado soviético, as preocupações de uma política mundial se avantajavam sobre as de uma revolução mundial.

Mas uma ~~distinção~~ como esta é necessariamente fonte de grave inquietação, enquanto o rolar dos tempos não nos mostrar em que consiste (estamos, uma vez mais, pensando nos problemas do terceiro mundo).

¹ Cfr. «O Problema do Neo-colonialismo» in n.º 7 de O TEMPO E O MODO.

→ a terminologia
 H
 T - seu

SERVIÇOS DE CENSURA (SÉDE)
 AUTORIZADO COM CORTES

→ situação



está determinada por necessidades elementares, mas enfrenta agora os problemas de um aparelho produtivo diversificado, já erguido. Por isso se diz, na China, que a U. R. S. S. está longe do impulso inicial, posteriormente encarnado por chineses, vietnameses e cubanos. Do lado russo se argumenta que «a universalidade do marxismo-leninismo depende da forma como os vários partidos respeitem as especificidades e singularidades uns dos outros». E ainda que os estragos causados ao movimento comunista por uma estratégia militar de blocos não têm paralelo com os que derivem de (por exemplo) um auxílio à Índia de Nehru.

E no Ocidente? É sabido como aqui as forças mais representativas se têm esforçado por impedir a oposição entre os que o campo socialista designa por «opressores e oprimidos», ou seja, entre o seu/mundo tecnologicamente avançado e o tal terceiro, ainda em luta para simplesmente sobreviver. Esses esforços — pensemos na acção americana em África, por exemplo — estão intimamente ligados ao já mencionado caso da Índia de Nehru, têm ilustração na sua dependência de certas entidades internacionais (BIRD, Fundo Monetário) e ainda no episódio de Kerala.

Não obstante, os problemas das nações subdesenvolvidas não podem analisar-se todos segundo o mesmo ângulo. Por exemplo: eles são diversos consoante a vastidão daquelas. A política de Nasser, apesar de nunca apoiada em levantamentos populares, foi possível fazer coisas não factíveis senão por outros meios em nações gigantes. (Citámos a política interna egípcia como exemplo teórico e não moral).

A quem sugere que a Rússia se começa a emburguesar não falta quem replique que, pelo contrário, aquele país verá o seu papel revolucionário reforçado pela coexistência pacífica. Coexistir em paz exige paciência. Esta, porém, reveste-se de aspectos diferentes consoante é exigida à Rússia ou às nações subdesenvolvidas, onde o acordo de Moscovo observado à luz do debate sino-soviético levanta graves e justificadas inquietações.

¹ Cfr. «O Problema do Neo-colonialismo» in n.º 7 de O TEMPO E O MODO.

Provas remetidas à Censura

em 9/9/63

Prova n.º 99

Saída em 28/9/63

REPARTIÇÃO GERAL DE CENSURA
VISTADO

UH EXERCITO

O exército da Rodésia do Sul é, assim o declarou o embaixador inglês às Nações Unidas, para «fins puramente defensivos». Num relatório dos Estudos Internacionais de Aviação declara-se, no entanto, que até agora essa defesa preparatória exigiu: 18 bombardeiros Canberra, com capacidade de transporte de armas atômicas e foguetões ar-terra: muitos caças-bombardeiros Hunter com um alcance de 100 quilómetros; vários Vampires, aviões de tipo semelhante embora menos potentes; trinta bombardeiros Provost e dezenas de helicópteros de combate Alouette.

O relatório citado conclui: «A Rodésia é um dos poucos países com uma força aérea equilibradamente defensiva e ofensiva». E, ~~em breve~~, poderá «infligir punições severas ao primeiro sinal de alarme».

~~A quem~~

V. P. U.

★

SERVIÇOS DE CENSURA
(E.E.E.)
AUTORIZADO COM CORTES



MÁRIO MURTEIRA

A MISSÃO DO INTELECTUAL*

I

PODE perguntar-se sobre a condição do intelectual aquilo que Albert Camus apenas referiu ao artista: «O artista, na maior parte dos casos, tem vergonha de si e dos seus privilégios, se os tem. Tem que responder, antes de tudo o mais, à pergunta que a si próprio faz: é a arte um luxo mentiroso?» É a condição de intelectual um luxo mentiroso na sociedade em que vivemos?

«Nos tombadilhos das galés», escreveu ainda Camus, usando uma metáfora poderosa, para expor esta universal situação, «pode-se sempre e por toda a parte, como sabemos, contar as constelações enquanto os forçados remam e se extenuam no porão; sempre se pode registar a conversa mundana que prossegue nas bancadas do circo enquanto a vítima estala sob os dentes do leão». Eis uma primeira pedra lançada na tranquilidade pantanosa do intelectual à maneira burguesa. Aparentemente, a sua defesa é tão simples como justificada: se se parte de uma liberdade fundamental do pensamento, da criação artística, que ilegitimidade haverá em pintar apenas damas e cavalheiros da sociedade, em escrever hoje na senda de Júlio Diniz ou em fazer como Stépan Trophimovitch uma tese «sobre a importância que poderia ter obtido o pequeno burgo de Hanau entre 1413 e 1428, e as causas obscuras que exactamente o impediram de conquistar essa importância?»

Tudo se tornaria fácil de esclarecer — tão fácil que pouco haveria a discutir — se todos estivéssemos de acordo sobre um certo número de questões simples e básicas. Mas não estamos. É certo que sempre houve e haverá duas categorias de espíritos para os quais tudo se torna fácil: os que apenas pretendem convencer; os que não pretendem senão ser convencidos. É porém outra a categoria — a de Mounier, de Pessoa, de

* Este artigo foi escrito há três ou quatro anos para uma colectânea de ensaios de diversos autores, orientada para o tema da responsabilidade do intelectual perante a sociedade. Não foi afinal possível publicá-la, e desde então este texto desactualizou-se um tanto, perante os factos e o nosso próprio pensamento. Parece-nos, no entanto, que ele poderia ter hoje certo interesse, visto que aborda numa perspectiva diferente o que julgamos ser (ou dever ser) a temática essencial em torno da pergunta sobre a Arte e a «verdade prática» que motivou um recente número especial de O TEMPO E O MODO. Esta a razão principal por que acedemos à amável sugestão do Director da revista para a publicação deste artigo.

Camus e de António Sérgio — de que ora nos ocupamos. E com essa

10
SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

Prova de 100
a
116

O TEMPO E O MODO - N.º 8
Provas remetidas à Censura
em 12/10/63
Prova n.º 100
Saída em 28/9/63

A

INTELECTUAIS E SOCIEDADE*

I

PODE perguntar-se sobre a condição do intelectual aquilo que Albert Camus apenas referiu ao artista: «O artista, na maior parte dos casos, tem vergonha de si e dos seus privilégios, se os tem. Tem que responder, antes de tudo o mais, à pergunta que a si próprio faz: é a arte um luxo mentiroso? / É a condição de intelectual um luxo mentiroso na sociedade em que vivemos?

«Nos tombadilhos das gálés», escreveu ainda Camus, «pode-se sempre e por toda a parte, como sabemos, contar as constelações enquanto os forçados remam e se extenuam no porão; sempre se pode registar a conversa mundana que prossegue nas bancadas do circo enquanto a vítima estala sob os dentes do leão». Eis uma primeira pedra lançada na tranquilidade pantanosa do intelectual à maneira burguesa. Aparentemente, a sua defesa é tão simples como justificada: se se parte de uma liberdade fundamental do pensamento, da criação artística, que ilegitimidade haverá em pintar apenas damas e cavalheiros da alta sociedade, em escrever hoje na senda de Júlio Diniz ou em fazer como Stépan Trophimovitch uma tese «sobre a importância que poderia ter obtido o pequeno burgo de Hanau entre 1413 e 1428, e as causas obscuras que exactamente o impediram de conquistar essa importância?»

Tudo se tornaria fácil de esclarecer — tão fácil que pouco haveria a discutir — se todos estivéssemos de acordo sobre um certo número de questões simples e básicas. Mas não estamos. É certo que sempre houve e haverá duas categorias de espíritos para os quais tudo se torna fácil: os que apenas pretendem convencer; os que não pretendem senão ser convencidos. É porém outra a categoria — a de Mounier, de Pessoa, de

* Este artigo foi escrito há três ou quatro anos para uma colectânea de ensaios de diversos autores, orientada para o tema da responsabilidade do intelectual perante a sociedade. Não foi afinal possível publicá-la, e desde então este texto desactualizou-se um tanto, perante os factos e o nosso próprio pensamento. Parece-nos, no entanto, que ele poderia ter hoje certo interesse, visto que aborda numa perspectiva diferente o que julgamos ser (ou deve ser) a temática essencial em torno da pergunta sobre a Arte e a «verdade prática» que motivou um recente número especial de O TEMPO E O MODO. Esta a razão principal por que acedemos à amável sugestão do Director da revista para a publicação deste artigo.

Camus e de António Sérgio — de que ora nos ocupamos. E com essa

SERVÍCIOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

SERVÍCIOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

SERVÍCIOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

SERVÍCIOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

REPUBLICA DE PORTUGAL
SERVIÇOS DE CENSURA
VISADO

tudo se torna, neste aspecto, extraordinariamente complicado, embora naquela tendencial simplicidade que é própria do homem.

É contudo provável que a maioria convenha em que pelo menos duas ideias são essenciais à caracterização do autêntico intelectual: uma ideia de *investigação*, de pesquisa, talvez de perseguição em torno do mistério humano; uma ideia complementar, melhor porventura, a outra face da ideia anterior — a necessidade de responder a um imperativo de *solidariedade* nas relações entre os homens. Ficar aquém disto é, evidentemente, ficar muito em baixo. No luxo e na mentira, como se citou.

Uma ideia de investigação — Na obra de Vercors *Les animaux dénaturés* debate-se um problema que muitos espíritos acharão algo bizantino: como definir o homem? Foi-nos ensinado que se trata de um animal racional, possivelmente, até do animal racional. É claro que isto é pouco; no entanto, não só o problema tem evidente interesse (até bastante prático: se aparece um ser intermédio entre o homem e o macaco como vamos classificá-lo?), como sobre ele está longe de verificar-se unanimidade, ou temos uma opinião sobre o assunto ou, se estamos vivos, procuramos tê-la. Isto é: num mundo de homens que não se entende sobre o que são os homens, o intelectual é obrigatoriamente chamado a depor; se o não faz — seja numa escultura, num poema, num ensaio — mais ainda, se o não faz ao longo da sua própria existência construída, destruída ou retalhada, é porque simplesmente nada tem a dizer. É certo que nem sempre saberá passar no severo exame de Nietzsche: «quando se não está fechado e sólido na sua pele, nada se tem a dar, não se pode dar a mão, nem servir de apoio e de amparo. «No mínimo, porém, poderá dizer, como Pessoa, «há dentro de mim um vazio, um deserto, um mar nocturno» e haverá sempre que descobri-lo, que desvendá-lo. E se, como Mounier, estiver efectivamente fechado e sólido na sua pele, a resposta terá de ser «un principe de vie, et s'il est aussi un principe de verité, il l'est dans la vie qu'il communique». Isto equivale a afirmar que um «blagueur», um funcionário, um comerciante, um erudito, estarão irremediavelmente fora de causa.

Uma ideia de solidariedade — Uma vez que se aceite o dever de inquérito ao homem não há paragem ou separação possíveis: não há inquérito válido que não parta da aceitação de laços estreitos entre o eu e os outros. Neste plano de elementar generalidade talvez não se possa ir muito longe na precisão desses laços; convém, no entanto, acentuar que mesmo homens como Camus e Sartre que, aparentemente, não tinham que ir muito longe na solidariedade, foram-no de facto à sua maneira.

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

SERVIÇOS DE CENSURA
REPARTIÇÃO GERAL
VISADO

tudo se torna, neste aspecto, extraordinariamente complicado, embora naquela tendencial simplicidade que é própria do homem.

É contudo provável que a maioria convenha em que pelo menos duas ideias são essenciais à caracterização do autêntico intelectual: uma ideia de *investigação*, de pesquisa, talvez de perseguição em torno do mistério humano; uma ideia complementar, melhor porventura, a outra face da ideia anterior — a necessidade de responder a um imperativo de *solidariedade* nas relações entre os homens. Ficar aquém disto é, evidentemente, ficar muito em baixo. No luxo e na mentira, como se citou.

Uma ideia de investigação — Na obra de Vergors *Les animaux dénaturés* debate-se um problema que muitos espíritos acharão algo bizantino: como definir o homem? Foi-nos ensinado que se trata de um animal racional, possivelmente, até, do animal racional. É claro que isto é pouco; no entanto, não só o problema tem evidente interesse (até bastante prático: se aparece um ser intermédio entre o homem e o macaco como vamos classificá-lo?), como sobre ele está longe de verificar-se unanimidade, ou temos uma opinião sobre o assunto ou, se estamos vivos, procuramos tê-la. Isto é: num mundo de homens que não se entende sobre o que são os homens, o intelectual é obrigatoriamente chamado a depor; se o não faz — seja numa escultura, num poema, num ensaio — mais ainda, se o não faz ao longo da sua própria existência construída, destruída ou retalhada, é porque simplesmente nada tem a dizer. É certo que nem sempre saberá passar no severo exame de Nietzsche: «quando se não está fechado e sólido na sua pele, nada se tem a dar, não se pode dar a mão, nem servir de apoio e de amparo. «No mínimo, porém, poderá dizer, como Pessoa, «há dentro de mim um vazio, um deserto, um mar nocturno» e haverá sempre que descobri-lo, que desvendá-lo. E se, como Mounier, estiver efectivamente fechado e sólido na sua pele, a resposta terá de ser «un principe de vie, et s'il est aussi un principe de verité, il l'est dans la vie qu'il communique». Isto equivale a afirmar que um «blagueur», um funcionário, um comerciante, um erudito, estarão irremediavelmente fora de causa.

Uma ideia de solidariedade — Uma vez que se aceite o dever de inquirido ao homem não há paragem ou separação possíveis: não há inquirido válido que não parta da aceitação de laços estreitos entre o eu e os outros. Neste plano de elementar generalidade talvez não se possa ir muito longe na precisão desses laços; convém, no entanto, acentuar que mesmo homens como Camus e Sartre que, aparentemente, não tinham que ir muito longe na solidariedade, foram-no de facto à sua maneira.

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO



Parece que ~~no actual clima que vivemos — borbulhando as interrogações, escasseando as respostas —~~ é um imperativo elementar da consciência humana, um ponto de partida indiscutível e indiscutido, a aceitação de uma camaradagem estreita entre todos os que navegam na mesma ~~ameaça e frágil~~ embarcação. Em tais condições, poucos se atreverão, sendo lúcidos, a trair a universal condição de animal racional ou outra coisa qualquer que nós somos.

II

Quaisquer que sejam as ideias que se defendam sobre o sentido da nossa liberdade, conviremos todos provavelmente num ponto: se essa liberdade existe, não constitui mais, na origem, do que uma potencialidade de muito difícil passagem a acto. Essa liberdade sob condições, de que falou Mounier, o próprio sujeito a cria ou desfaz; mas cada um de nós nem da sua liberdade é o único proprietário. Esquecendo todo um possível resto, podemos simbolicamente considerar um outro proprietário da liberdade individual — a sociedade. O intelectual, como toda a gente, é em parte função da sociedade, tanto na maneira como nela se integra como, mais frequentemente, na posição em que contra ela se coloca. *A recíproca é, porém, mais forte do que quanto ao comum dos indivíduos: a sociedade é também, e em boa medida, função dos intelectuais.* Todos sabemos ~~das polícias, das técnicas, dos totalitarismos,~~ das variadas formas ou modernas ou actualizadas com que as sociedades de hoje se procuram tornar nos únicos donos da liberdade de cada um; não nos iludamos, porém, exagerando as dificuldades de forma a torná-las cómodas justificações. Sem entrar no perigoso jogo das comparações históricas (sobretudo perigosas porque vivemos hoje e sabemos do que ontem se passou pelos que ontem viveram), não parece ousado afirmar que o intelectual continua a contar. Se conta agora mais ou menos, será difícil dizê-lo. Mas talvez se possa afirmar que o seu papel é necessário, e tanto mais quanto mais fácil se afigure em dada sociedade passar sem ele.

Esquece-se com facilidade um certo conjunto de ensinamentos elementares da sociologia: quando estes são recordados, então a ideia de que o homem é um animal racional torna-se particularmente incómoda. Um funcionário público, um trabalhador manual, um chefe de empresa, um técnico, um proprietário rural, ~~um proletário,~~ um militar profissional, um professor, tantas «racionalidades»! A maioria das pessoas é o que é menos por personalidade criadora do que por influências sociais e correspondentes reacções — a posição social, a profissão, o ambiente

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

SERVIÇOS DE CENSURA (SÉDE) 3
SERVIÇOS DE CENSURA (SÉDE) COM
CORTADOS

em 10/11/63

Prova n.º 213

Saída em 28/9/63

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADOSERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

familiar, a ética corrente no meio a que pertence, as propagandas. Ora, em princípio, o intelectual só participa nesse jogo de influências sociais para constantemente aferi-las e julgá-las. Por tudo isso, sociedade em que o seu depoimento falhe é, em certo sentido, uma sociedade morta. Não porque esteja necessariamente condenada à estagnação, à permanência dos seus fundamentos e estruturas, pois que, pelo contrário, eles podem até transformar-se radicalmente; falou-se de morte de sociedades no sentido de sistemas em que artificialmente os problemas do homem deixam de estar em aberto. Como no *Admirável Mundo Novo* de Huxley, onde não existiam problemas a não ser nos selvagens e nos anormais, ou como, à maneira de Sherwood Anderson, numa floresta petrificada em que já não interessam as árvores pela simples razão de que deixaram de existir. E seria demasiado fácil atribuir exclusivamente o risco de situações dessa natureza à difusão do totalitarismo político; uma sociedade pode transformar-se, em bloco, num sistema totalitário mesmo após uma evolução democrática, e continuando formalmente democrática. Basta pensar na espécie de tirania que se tem atribuído ao «american way of life» nos Estados Unidos da América do Norte. Seja como for, parece legítimo afirmar que os intelectuais desempenham a missão de evitar que as sociedades cometam o suicídio.

Na verdade, alguns olham para trás na História e recordam sociedades que a seu ver teriam méritos hoje desconhecidos: um desses méritos residiria na existência de uma crença fundamental comum. Mas hoje, não existindo crença comum, compreende-se que muitas políticas, tanto à esquerda, como à direita procurem impor nova homogeneidade de convicções. Ora, é duvidoso que mereça a designação de intelectual quem, para esse fim, aceder a tornar-se simples funcionário ao serviço de uma ideologia oficial. ~~Não é como instrumento, mas como agente livre que se falou de um papel necessário dos intelectuais nas sociedades de hoje.~~

Feita esta ressalva, trata-se de descrever como surge tal necessidade. Mas, para isso, é indispensável evocar certas ideias que numas latitudes se tornaram lugares comuns mas que noutras são ainda matéria nova ou deliberadamente ignorada.

III

~~Um pequeno quisto na pele dum indivíduo pode anunciar, para anos depois, uma doença mortal. Certos quistos na civilização ocidental, engrossados ao longo de séculos, revelaram-se às últimas gerações como preságio de um cancro profundo, embora de ramificações indeterminadas~~

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

O TEMPO E O MODO—N.º 8

Provas remetidas à Censura

em 10/10/63

Prova n.º 109

Saida em 28/9/63

e ainda sem classificação indiseutada. Há como que uma cruel ironia nas mais recentes aventuras do homem histórico: têm-se, por um lado, possibilidades grandiosas de progresso material e humano, de dimensões desconhecidas até recentemente; têm-se, por outro lado, idênticas possibilidades no sentido oposto, isto é, no sentido do aniquilamento material e humano. Certo tipo de acontecimentos, excessivamente objecto dos noticiários dos jornais para o gosto do intelectual requintado, não pode de nenhum modo ser ignorado pelos que simultâneamente pretendem ser lúcidos e solidários.

Em primeiro lugar, assiste-se nos últimos anos a um processo, inédito nas suas proporções, de estreitamento da interdependência entre as diferentes sociedades nacionais. De certo modo, talvez se possa falar de uma tendência à integração da sociedade internacional, na medida em que se verifica uma intensificação de laços dentro de vários grupos de nações, e mesmo entre esses grupos; na medida em que se verifica uma crescente homogeneização de espaços, onde se diluem as fronteiras políticas, as barreiras económicas e sociais, as diferenciações culturais entre os povos. Afirmar tal processo não implica um optimismo utópico, a crença numa tendência para a harmonia política no plano internacional, para uma eterna paz entre os povos num paradisíaco contexto de felicidade ao alcance de todos. Implica apenas reconhecer uma chamada ao palco da convivência internacional de muitos espectadores desatentos ou importantes de outrora, um alargamento do espectáculo sem distinção de línguas, idades, religiões ou ideologias, implica sobretudo reconhecer o nascimento, ainda mais pressentido do que perfeitamente consciencializado, de uma consciência universalista, mesmo entre os mais virulentos e recentes nacionalismos. A tão ridicularizada Assembleia Geral das Nações Unidas tem manifestado, mesmo ou talvez sobretudo na divisão que revela, como se está longe de caminhar para uma tranquila e falsa paz romana ou americana ou russa, mas antes para uma sedimentação difícil de posições originais que sentem uma angustiada necessidade de aproximação, à escala planetária.

Concomitante com este processo um outro se desenrola com extrema acuidade: um feixe de forças convergentes exige dos homens e sociedades um intenso esforço de transformação social, sobretudo quando o atraso económico se traduz em condições de existência sub-humanas, como ainda sucede na grande maioria da população mundial em contraste com ilhotas de absurda prosperidade material. Um número arriscado por Tibor Mende, se bem que apenas tenha o valor de uma caricatura estatística, revela que cerca de nove décimos da população mundial tem um nível de vida equivalente a um décimo do correspondente ao grupo privilegiado. Este

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)

CORTADO

~~simples apontamento dá nota de um dos factos mais salientes e impressionantes da segunda metade deste século — as profundas desigualdades nas condições materiais da existência na perspectiva internacional.~~

~~Terceira nota importante, ainda estreitamente ligada aos factos já apontados, é-nos dada pelo desfasamento entre o domínio das forças materiais pelo homem e a instauração de uma ordem social humana correspondentemente adaptada. Esta questão está em aberto não só para os países mais evoluídos economicamente — vai-se pôr agudamente nos Estados Unidos na próxima década e é de crer que o mesmo suceda na U. R. S. S., uma vez vencida a fase dos sacrifícios para a industrialização rápida — como ainda, de uma forma talvez mais espectacular, para as nações que se dispõem a vencer rapidamente o seu atraso económico e social. As perturbadoras implicações que o progresso técnico acarreta, do ponto de vista da organização social, estão longe de serem perfeitamente consciencializadas pelas sociedades actuais, e não é seguro que, uma vez essa consciência adquirida, a complexidade dos problemas em causa permita soluções humanamente toleráveis, a nível satisfatório de exigência.~~

A tremenda problemática anteriormente exposta em termos muito sintéticos implica para o intelectual um certo número de desafios, a que não pode furtar-se sob pena de iludir, a palavra mais própria é *trair*, a sua condição.

A interdependência crescente entre as diferentes sociedades nacionais, a embrionária mas progressiva consciência planetária nas relações entre os povos, levantam-lhe um conflito entre uma dimensão nacionalista e universalista do seu pensamento. Este conflito, como se sabe, tem conduzido com alguma frequência a trágicas antinomias, que o intelectual deve superar para que o mundo possa um dia vir a fazê-lo. O nacionalismo totalitário — no sentido de fazer tábua rasa de todos os outros possíveis e desejáveis nacionalismos — é hoje uma atitude ultrapassada, ainda que a não considerássemos, em princípio e em qualquer época, como uma atitude condenável no seu extremismo. Por outro lado, o nacionalismo é uma afirmação ideológica que carece de um conteúdo preciso para se tornar actuante, tanto interna como externamente. Isto é: falar da missão de um povo, procurar a sua grandeza, salvaguardar a sua presença na História, é pouco, quase nada, na medida em que se trate de uma simples intenção sem núcleo ideológico que responda válidamente às actuais inquietações dos homens e das sociedades.

A questão do nacionalismo liga-se estreitamente a outro tema referido: a exigência imperiosa, nos países económica e socialmente pouco

desenvolvidos, de uma evolução social rápida, que permita a melhoria sensível das condições de vida das populações. O intelectual encontra aqui toda uma nova zona de mitos, de falsos problemas, de tentações fáceis e perigosas que não pode ignorar. A evolução social que se ambiciona levanta todo um cortejo de dificuldades e riscos que compete a cada sociedade superar: se o progresso material é, em si mesmo, um objectivo nobre que só poderão desdenhar os que sempre ignoraram a miséria, torná-lo finalidade justificadora de todos os meios é tentação em que se torna perigosamente fácil cair. E quando se reconhece que o progresso material é apenas (sendo muito) uma condição do progresso humano, muito longe, portanto, de automaticamente garanti-lo, maior é o desafio que se lança à reflexão e acção dos intelectuais. Compreende-se, pois, que se fale de traição numa sociedade que agudamente experimente essa problemática, perante a indiferença, o cabotinismo, o egoísmo das *élites* intelectuais. E inevitavelmente se chega à questão, tantas vezes debatida, das ligações entre o pensamento e a acção.

Talvez que o mal não esteja tanto na torre de marfim, como nas razões que na grande maioria dos casos conduzem a esse refúgio e nas consequências dessas razões. Tentemos o seu inventário.

Espírito burguês — Todas as grandes correntes de pensamento significativas no momento presente o têm condenado impiedosamente. Ouça-se a descrição cortante de Mounier: «*L'homme privé, modèle bourgeois, c'est l'individualité retiré sur ses propriétés, sur ses cachotteries, sur son inviolabilité impure, vie privée faite non d'amour mais de refus, — le privé, ce dont on prive les autres. L'homme public au même moule, c'est l'individualité faisant parade et trafic de ses apparences, de ses compromis, de ses mensonges, commercant avec ceux qui acceptent, d'eux mêmes, la même image, échappant aux inquiétudes et aux engagements dans cette ostentation bruyante, faible avec soi, faible avec autrui, ou bien traqué au-dedans, insolent au-dehors et pour se donner une contenance, faisant avec tout le monde les gestes sociaux de tout le monde.*» Este tipo de homem é o grande produto da civilização contemporânea, como se sabe; e não poderia também deixar de ter os seus intelectuais. Certas sociedades, onde o veneno burguês mais se instilou, possuem-nos em grande quantidade e consideram-nos como os autênticos, os verdadeiros representantes do «pensamento e da cultura», dos «valores da civilização ocidental» ou ainda do «primado do espírito». Nada mais distante do verdadeiro intelectual que aqui se considera. Se o tipo de burguês é, em geral, uma medíocre caricatura da pessoa humana, neste plano das *élites* e sua mediocridade torna-se ainda mais insuportável. «*Faisant avec tout*»

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO
CORTADO

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

SERVIÇOS DE CENSURA
REPUBLICANA
VISADO

le monde les gestes sociaux de tout le monde.» Ser passivo, comprometido, pobre racionalizador de interesses, fabricante de mitos conservadores, falsificando ao sabor das circunstâncias os valores autênticos, comprometendo-os sem escrúpulos nas hipocrisias mais torpes.

A impureza da acção — Ao passar à prática, o pensamento degrada-se com os imperativos de eficácia, sobretudo quando se procuram as alianças, as frentes comuns, quando se abandona a situação privilegiada de franco-atirador. Os que afirmam isto, têm em parte razão. Contudo, riscos sérios se correm também de degradar o pensamento por carência de acção; e tudo indica que estes riscos são mais graves do que os outros. No futebol, afirmam os entendidos, a «área da verdade» encontra-se nas proximidades das balizas, onde se decidem os jogos; na existência, a área da verdade não pode ser senão a própria existência, produto da interacção constante entre o que se pensa e o que se faz. O lavar de mãos de Pilatos não ficou na História como um exemplo edificante de abstenção. Pela última vez na presença de Cristo, a derradeira frase que pronuncia é uma interrogação indiferente: «Que é a verdade?...» Daí que a sua abstenção significasse a condenação para Cristo. Com efeito, o lavar as mãos significa, na maior parte dos casos, fragilidade do pensamento e, na prática, simples adesão ao que está, ou seja, em última análise, significa sujar realmente as mãos e da maneira mais inglória.

A vocação do isolamento — Certas vias existenciais do intelectual, como de qualquer homem, podem exigir a solidão, a renúncia à inserção na vida social comum ou, mais simplesmente, a renúncia à participação nos combates pela transformação da ordem social. Não é fácil, porém, conseguir uma fecundidade nessa renúncia. O intelectual, como intelectual, pode escolher ou encontrar múltiplas vias de corresponder honestamente ao apelo de solidariedade, e em certas circunstâncias o isolamento físico poderá até permitir a única ou mais eficaz via de corresponder a esse apelo. Aqui, porém, como em tudo, é imprescindível desconfiar da facilidade e das pseudo-justificações que a consciência humana é fértil em descobrir. Uma espécie de convicção de ser eleito, o amuo perante as incompreensões sofridas, a incapacidade para suportar o outro tal como ele é, e não como seria de desejar que fosse, podem constituir os verdadeiros motivos de um isolamento que se pretende dourar de nobres significações. Neste sentido, é particularmente perigoso o «isolamento» à escala de um grupo de iniciados, de «compreensivos», de um clube restrito de dialogantes (ou, mais exactamente, de ouvintes) dotados de características excepcionais merecedoras de tal privilégio. Nestas condições,

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)

AUSÊNCIA DE CENSURA
(SÉDE) COM
CORTADOS

Provas remetidas à Censura

em 29/10/63

Prova n.º 108

Saída em 28/9/63

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADOSERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

o isolamento é apenas a embalagem protectora da fragilidade e impotência do intelectual.

O apolitismo — A concepção maquiavélica da política afugenta muitos espíritos desse campo de acção. Max Weber diagnosticou bem essa atitude, distinguindo entre a afirmação de uma pureza que teme conspirar-se na política e a realidade da tremenda exigência que significa a acção política para o intelectual, e a que este teme muitas vezes não ter força para responder. É necessário distinguir, antes do mais, entre acção com incidências políticas e acção partidária. A acção partidária, sendo evidentemente necessária, tem exigências próprias, resultantes da necessidade da eficácia imediata no terreno da conquista e manutenção do poder; sendo certo que algum ou alguns intelectuais se encontrarão sempre na origem da ideologia ou doutrina de qualquer partido que as possua, poucos serão os casos em que os mais ou menos distantes pensadores que originam os movimentos se sintam em plena concordância com estes. Seria no entanto, perigoso desdenhar, em geral e em absoluto, a acção partidária, deixando-a aos funcionários e aos puros profissionais da política. Em cada momento, e em cada sociedade, as circunstâncias ditarão a melhor forma de participação na edificação da sociedade. Reconhecer tudo isto não invalida, porém, que se atribua particular importância a essa área entre o pensamento individual, por mais cingido à prática que ele seja, e a reflexão enquadrada no movimento político: trata-se, afinal, do campo de debates em que melhor se poderá salvar a necessária ligação entre a ética e a política, entre a filosofia e a acção social; onde se poderá combater a tentação do ideologismo, salvaguardando a necessidade de reflexão livre de cada sociedade sobre si mesma; onde se poderá garantir um mínimo de abertura, de diálogo profícuo entre as diferentes atitudes e tendências; onde, em última análise, se poderá, em plena liberdade, preencher e corrigir as lacunas e os vícios das oposições puramente partidárias, quando estas se manifestam — como tantas vezes sucede — alheias aos problemas fundamentais do homem e da sociedade.

A tentação tecnocrática — Existe hoje uma categoria social que muitas análises e discussões tem proporcionado aos sociólogos: o grupo dos técnicos. Muitos se têm insurgido contra essa nova forma de «tirania» — o governo dos técnicos — sem que, todavia, tenham conseguido precisar com segurança até onde tem chegado esse flagelo. Não oferece discussão o facto de os técnicos terem sido progressivamente chamados a maiores responsabilidades sociais. Se é verdade que, na maior parte dos casos,

há sempre no final a decisão ao nível político, esta decisão não deixa de ser influenciada, por vezes profundamente, pelas atitudes dos próprios técnicos. Há anos, em França, num congresso presidido pelo famoso sociólogo francês G. Gurvitch, com a participação de intelectuais — como Mounier e Lefèvre — e simples especialistas em questões sociais, procurou-se discutir esse problema da tecnocracia, sem que os resultados obtidos possam considerar-se brilhantes. Não se chegou a acordo, por exemplo, sobre se os técnicos constituem uma classe, se têm uma ideologia, ou mesmo se é legítimo falar de tecnocracia. Cremos que a resposta para todas estas questões é negativa: não existe uma classe de técnicos, estes não possuem uma ideologia própria e nem sequer faz muito sentido falar de tecnocracia. Afirmar isto, porém, não equivale a ignorar certos problemas reais e graves em torno da questão.

Em certas sociedades e pelo menos quanto a certas categorias de técnicos (incluindo, por comodidade, nesta designação os cientistas), estes gozam de uma influência social considerável, não só pelas decisões em que intervêm como também pela influência que exercem na opinião pública, particularmente no campo político. Por outro lado, num processo um tanto abusivo, os próprios técnicos promovem-se, ou são promovidos, num sentido sociológico, à situação de intelectuais. O técnico, como qualquer outro indivíduo, tem o direito e o dever de possuir ideias gerais, nomeadamente, de defender uma certa concepção de si mesmo, dos outros homens, e do mundo. O dever surge com toda a nitidez quando o técnico assume posições na sociedade cuja legitimidade nada tem a ver com a sua capacidade como técnico, em completa inconsciência da discontinuidade entre o técnico que apenas vestiu a pele do intelectual e o doutrinador, o filósofo ou o político. O direito carece de ser invocado quando os sistemas políticos exigem a castração intelectual dos técnicos, encerrando estes no fácil refúgio da neutralidade da ciência. O essencial da questão surge neste ponto.

Os tempos actuais exigem, tem-se dito muitas vezes, uma humanização da técnica; se esta expressão tem qualquer significado, parece que, entre outras condições, se tornarão necessários os intelectuais de formação técnica e os técnicos com dimensão de intelectuais. Um humanista do tipo clássico desconfiará de qualquer das duas categorias: um humanista deste tempo reconhecerá que o intelectual de formação técnica — sobretudo no campo das ciências sociais — poderá contribuir seriamente para a ultrapassagem dos mitos, utopias e nebulosidades em que os melhores espíritos podem e têm incorrido. Há, porém, um mito extremamente perigoso, já mencionado, que dificulta a superação da simples categoria de técnico: as supostas neutralidade e objectividade da ciência. Se os técnicos tiverem ou têm alguma ideologia é seguramente essa;

70
SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

não parece legítima, porém, tal designação aplicada a uma crença que, ou por ingenuidade (ainda que criminosa), ou por cobardia, se permite ser instrumento de qualquer ideologia verdadeira. Fazer, por amor à ciência, foguetões ou bombas atômicas não importa ao serviço de quê ou de quem; descobrir utilizações da substância humana como matéria-prima industrial; inventar processos de aumento da produtividade do trabalho não importa para benefício de quem e com sacrifício de quê; diagnosticar fria e «cientificamente» os defeitos de uma sociedade como sistema produtivo — eis alguns dos numerosos exemplos das monstruosidades a que o tecnicismo ou cientismo conduz.

IV

Ter-se-á generalizado em demasia. Ter-se-á sobretudo levantado muita caça para uma lamentável e desafortunada pontaria. É possível. Não se terminará todavia sem sugerir o que se pretendeu dizer, aqui e agora no País em que vivemos.

Para além de tudo que é evidente, existe também em Portugal um conflito de gerações. A crise da juventude — ainda mais um facto jornalístico — não tem felizmente, ao que parece, assumido entre nós as proporções que notícias alarmantes de outros países nos revelam. Mesmo assim, uma certa crise de juventude existe em Portugal.

Ora, ninguém negará que onde houver lugar para a esperança a palavra decisiva será dada pelos jovens. Estes, porém, até na sua rebeldia, no seu inconformismo, na sua disponibilidade, necessitam de mestres. Os exemplos de intelectual que se trouxeram a este texto não têm senão a intenção de revelar uma figura de homem que na sua grandeza — para além dos erros cometidos e das discordâncias profundas que sintamos com as suas atitudes — carece de ser evocada e realçada quando se parece trágicamente disposto a passar sem ela.

Algures no sul de Angola, um povo primitivo, agoniza nas primeiras fases da história humana; provavelmente, nem sequer sofre, porque fechado sobre si mesmo, impermeável a qualquer transformação, não pode saber um mínimo de aquilo a que renuncia e desaparece tranquilamente no isolamento que sempre conheceu. É certo que o homem da época interplanetária não se sente com facilidade satisfeito por ter sido contemplado com essa época do homem. No entanto, não poderá esquecer o juízo de Camus: «Uma época, em todo o caso, que não admite que possamos desinteressar-nos dela.»

MÁRIO MURTEIRA



tudo se torna, neste aspecto, extraordinariamente complicado, embora naquela tendencial simplicidade que é própria do homem.

É contudo provável que a maioria convenha em que pelo menos duas ideias são essenciais à caracterização do autêntico intelectual: uma ideia de *investigação*, de pesquisa, talvez de perseguição, em torno do mistério humano; uma ideia complementar, melhor porventura, a outra face da ideia anterior — a necessidade de responder a um imperativo de *solidariedade* nas relações entre os homens. Ficar aquém disto é, evidentemente, ficar muito em baixo. No luxo e na mentira, como se citou.

Uma ideia de investigação — Na obra de Vercors *Les animaux dénaturés* debate-se um problema que muitos espíritos acharão algo bizantino: como definir o homem? Foi-nos ensinado que se trata de um animal racional, possivelmente, até, do animal racional. É claro que isto é pouco; no entanto, não só o problema tem evidente interesse (até bastante prático: se aparece um ser intermédio entre o homem e o macaco como vamos classificá-lo?), como sobre ele está longe de verificar-se unanimidade, ou temos uma opinião sobre o assunto ou, se estamos vivos, procuramos tê-la. Isto é: num mundo de homens que não se entende sobre o que são os homens, o intelectual é obrigatoriamente chamado a depor; se o não faz — seja numa escultura, num poema, num ensaio — mais ainda, se o não faz ao longo da sua própria existência construída, destruída ou retalhada, é porque simplesmente nada tem a dizer. É certo que nem sempre saberá passar no severo exame de Nietzsche: «quando se não está fechado e sólido na sua pele, nada se tem a dar, não se pode dar a mão, nem servir de apoio e de amparo. «No mínimo, porém, poderá dizer, como Pessoa, «há dentro de mim um vazio, um deserto, um mar nocturno» e haverá sempre que descobri-lo, que desvendá-lo. E se, como Mounier, estiver efectivamente fechado e sólido na sua pele, a resposta terá de ser «un principe de vie, et s'il est aussi un principe de verité, il l'est dans la vie qu'il communique». Isto equivale a afirmar que um «blagueur», um funcionário, um comerciante, um erudito, estarão irremediavelmente fora de causa.

Uma ideia de solidariedade — Uma vez que se aceite o dever de inquérito ao homem não há paragem ou separação possíveis: não há inquérito válido que não parta da aceitação de laços estreitos entre o eu e os outros. Neste plano de elementar generalidade talvez não se possa ir muito longe na precisão desses laços; convém, no entanto, acentuar que mesmo homens como Camus e Sartre que, aparentemente, não tinham que ir muito longe na solidariedade, foram-no de facto à sua maneira.

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

Provas remetidas à Censura

em 10/12/63

Prova n.º 102

Saída em 28/9/63



Parece que no clima em que vivemos, em grande parte do mundo de hoje, borbulhando as interrogações, escasseando as respostas — é um imperativo elementar da consciência humana, um ponto de partida indiscutível e indiscutido, a aceitação de uma camaradagem estreita entre todos os que navegam na mesma ameaçada e frágil embarcação. Em tais condições, poucos se atreverão, sendo lúcidos, a trair a universal condição de animal racional ou outra coisa qualquer que nós somos.

II

Quaisquer que sejam as ideias que se defendam sobre o sentido da nossa liberdade, conviremos todos provavelmente num ponto: se essa liberdade existe, não constitui mais, na origem, do que uma potencialidade de muito difícil passagem a acto. Essa liberdade sob condições, de que falou Mounier, o próprio sujeito a cria ou desfaz; mas cada um de nós nem da sua liberdade é o único proprietário. Esquecendo todo um possível resto, podemos simbolicamente considerar um outro proprietário da liberdade individual — a sociedade. O intelectual, como toda a gente, é em parte função da sociedade, tanto na maneira como nela se integra como, mais frequentemente, na posição em que contra ela se coloca. *A recíproca é, porém, mais forte do que quanto ao comum dos indivíduos: a sociedade é também, e em boa medida, função dos intelectuais.* Todos sabemos das variadas formas ou modernas ou actualizadas com que as sociedades de hoje se procuram tornar nos únicos donos da liberdade de cada um; não nos iludamos, porém, exagerando as dificuldades de forma a torná-las cómodas justificações. Sem entrar no perigoso jogo das comparações históricas (sobretudo perigosas porque vivemos hoje e sabemos do que ontem se passou pelos que ontem viveram), não parece ousado afirmar que o intelectual continua a contar. Se conta agora mais ou menos, será difícil dizê-lo. Mas talvez se possa afirmar que o seu papel é necessário, e tanto mais quanto mais fácil se afigure em dada sociedade passar sem ele.

Esquece-se com facilidade um certo conjunto de ensinamentos elementares da sociologia: quando estes são recordados, então a ideia de que o homem é um animal racional torna-se particularmente incómoda. Um funcionário público, um trabalhador manual, um chefe de empresa, um técnico, um proprietário rural, um militar profissional, um professor, tantas «racionalidades»! A maioria das pessoas é o que é menos por personalidade criadora do que por influências sociais e correspondentes reacções — a posição social, a profissão, o ambiente

SERVIÇOS DE CENSURA
(SEDE)
CORTADO

familiar, a ética corrente no meio a que pertence, as propagandas. Ora, em princípio, o intelectual só participa nesse jogo de influências sociais para constantemente aferi-las e julgá-las. *Por tudo isso, sociedade em que o seu depoimento falhe é, em certo sentido, uma sociedade morta.* Não porque esteja necessariamente condenada à estagnação, à permanência dos seus fundamentos e estruturas, pois que, pelo contrário, eles podem até transformar-se radicalmente; falou-se de morte de sociedades no sentido de sistemas em que artificialmente os problemas do homem deixam de estar em aberto. Como no *Admirável Mundo Novo* de Huxley, onde não existiam problemas a não ser nos selvagens e nos anormais, ou como, à maneira de Sherwood Anderson, numa floresta petrificada em que já não interessam as árvores pela simples razão de que deixaram de existir. E seria demasiado fácil atribuir exclusivamente o risco de situações dessa natureza à difusão do totalitarismo político; uma sociedade pode transformar-se, em bloco, num sistema totalitário mesmo após uma evolução democrática, e continuando formalmente democrática. Basta pensar na espécie de tirania que se tem atribuído ao «american way of life» nos Estados Unidos da América do Norte. Seja como for, parece legítimo afirmar que os intelectuais desempenham a missão de evitar que as sociedades cometam o suicídio.

Na verdade, alguns olham para trás na História e recordam sociedades que a seu ver teriam méritos hoje desconhecidos: um desses méritos residiria na existência de uma crença fundamental comum. Mas hoje, não existindo crença comum, compreende-se que muitas políticas, tanto à esquerda como à direita procurem impor nova homogeneidade de convicções. Ora, é duvidoso que mereça a designação de intelectual quem, para esse fim, aceder a tornar-se simples *funcionário* ao serviço de uma ideologia oficial. O papel necessário dos intelectuais na sociedade de hoje não pode ser de instrumentos.

Feita esta ressalva, trata-se de descrever como surge tal necessidade. Mas, para isso, é indispensável evocar certas ideias que numas latitudes se tornaram lugares comuns mas que noutras são ainda matéria nova ou deliberadamente ignorada.

III

Um pequeno quisto na pele dum indivíduo pode anunciar, para anos depois, uma doença mortal. Certos quistos na civilização ocidental, engrossados ao longo de séculos, revelaram-se às últimas gerações como preságio de um cancro profundo, embora de ramificações indeterminadas

SERVIÇOS DE CENSURA
(SEDE)
CORTADO

é ainda sem classificação indiscutida. Há como que uma cruel ironia nas mais recentes aventuras do homem histórico: têm-se, por um lado, possibilidades grandiosas de progresso material e humano, de dimensões desconhecidas até recentemente; têm-se, por outro lado, idênticas possibilidades no sentido oposto, isto é, no sentido do aniquilamento material e humano. Certo tipo de acontecimentos, excessivamente objecto dos noticiários dos jornais para o gosto do intelectual requintado, não pode de nenhum modo ser ignorado pelos que simultaneamente pretendem ser lúcidos e solidários.

Em primeiro lugar, assiste-se nos últimos anos a um processo, inédito nas suas proporções, de estreitamento da interdependência entre as diferentes sociedades nacionais. De certo modo, talvez se possa falar de uma tendência à integração da sociedade internacional, na medida em que se verifica uma intensificação de laços dentro de vários grupos de nações, e mesmo entre esses grupos; na medida em que se verifica uma crescente homogeneização de espaços, onde se diluem as fronteiras políticas, as barreiras económicas e sociais, as diferenciações culturais entre os povos. Afirmar tal processo não implica um optimismo utópico, a crença numa tendência para a harmonia política no plano internacional, para uma eterna paz entre os povos num paradisíaco contexto de felicidade ao alcance de todos. Implica apenas reconhecer uma chamada ao palco da convivência internacional de muitos espectadores desatentos, um alargamento do espectáculo sem distinção de línguas, idades, religiões ou ideologias; implica sobretudo reconhecer o nascimento, ainda mais pressentido do que perfeitamente consciencializado, de uma consciência universalista. A ~~ção~~ ridicularizada Assembleia Geral das Nações Unidas tem manifestado, mesmo ou talvez *sobretudo* na divisão que revela, como se está longe de caminhar para uma tranquila e falsa paz romana ou americana ou russa, mas antes para uma sedimentação difícil de posições originais que sentem uma angustiada necessidade de aproximação, à escala planetária.

Concomitante com este processo um outro se desenrola com extrema acuidade: um feixe de forças convergentes exige dos homens e sociedades um intenso esforço de transformação social, sobretudo quando o atraso económico se traduz em condições de existência sub-humanas, como ainda sucede na grande maioria da população mundial em contraste com ilhotas de prosperidade material. Um número arriscado por Tibor Mende, se bem que apenas tenha o valor de uma caricatura estatística, revela que cerca de nove décimos da população mundial tem um nível de vida equivalente a um décimo do correspondente ao grupo privilegiado. Este

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO



simples apontamento dá nota de um dos factos mais salientes e impressionantes da segunda metade deste século — as profundas desigualdades nas condições materiais da existência na perspectiva internacional.

Terceira nota importante, ainda estreitamente ligada aos factos já apontados, é-nos dada pelo desfasamento entre o domínio das forças materiais pelo homem e a instauração de uma ordem social humana correspondentemente adaptada. Esta questão está em aberto não só para os países mais evoluídos economicamente — vai-se pôr agudamente nos Estados Unidos na próxima década e é de crer que o mesmo suceda na U. R. S. S., uma vez vencida a fase dos sacrifícios para a industrialização rápida — como ainda, de uma forma talvez mais espectacular, para as nações que se dispõem a vencer rapidamente o seu atraso económico e social. As perturbadoras implicações que o progresso técnico acarreta, do ponto de vista da organização social, estão longe de serem perfeitamente consciencializadas pelas sociedades actuais, e não é seguro que, uma vez essa consciência adquirida, a complexidade dos problemas em causa permita soluções humanamente toleráveis, a nível satisfatório de exigência.

A tremenda problemática anteriormente exposta em termos muito sintéticos implica para o intelectual um certo número de desafios, a que não pode furtar-se sob pena de iludir, a palavra mais própria é *trair*, a sua condição.

A interdependência crescente entre as diferentes sociedades nacionais, a embrionária mas progressiva consciência planetária nas relações entre os povos, levantam-lhe um conflito entre uma dimensão nacionalista e universalista do seu pensamento. Este conflito, como se sabe, tem conduzido com alguma frequência a trágicas antinomias, que o intelectual deve superar para que o mundo possa um dia vir a fazê-lo. O nacionalismo totalitário do nazismo, por exemplo, — no sentido de fazer tábua rasa de todos os outros possíveis e desejáveis nacionalismos — é hoje uma atitude ultrapassada, ainda que a não considerássemos, em princípio e em qualquer época, como uma atitude condenável no seu extremismo. Por outro lado, o nacionalismo é uma afirmação ideológica que carece de um conteúdo preciso para se tornar actuante, como interno como externamente.

A questão do nacionalismo liga-se estreitamente a outro tema referido: a exigência imperiosa, nos países económica e socialmente subdesenvolvidos, de uma evolução social rápida, que permita a melhoria sensível das condições de vida das populações. O intelectual encontra

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

Provas remetidas à Censura

em...10...10.../63

Prova n.º 106

Saída em 28/9/63

aqui toda uma nova zona de mitos, de falsos problemas, de tentações fáceis e perigosas que não pode ignorar. A evolução social que se ambiciona levanta todo um cortejo de dificuldades e riscos que compete a cada sociedade superar: se o progresso material é, em si mesmo, um objectivo nobre que só poderão desdenhar os que sempre ignoraram a miséria, torná-lo finalidade justificadora de todos os meios é tentação em que se torna perigosamente fácil cair. E quando se reconhece que o progresso material é apenas (sendo muito) uma condição do progresso humano, muito longe, portanto, de automaticamente garanti-lo, maior é o desafio que se lança à reflexão e acção dos intelectuais. Compreende-se, pois, que se fale de traição numa sociedade que agudamente experimente essa problemática, perante a indiferença, o cabotinismo, o egoísmo das *elites* intelectuais. E inevitavelmente se chega à questão, tantas vezes debatida, das ligações entre o pensamento e a acção.

Talvez que o mal não esteja tanto na torre de marfim, como nas razões que na grande maioria dos casos conduzem a esse refúgio e nas consequências dessas razões. Tentemos o seu inventário.

Espírito burguês — Todas as grandes correntes de pensamento significativas no momento presente o têm condenado impiedosamente. Ouça-se a descrição cortante de Mounier. «*L'homme privé, modèle bourgeois, c'est l'individualité retiré sur ses propriétés, sur ses cachotteries, sur son inviolabilité impure, vie privée faite non d'amour mais de refus, — le privé, ce dont on prive les autres. L'homme public au même moule, c'est l'individualité faisant parade et trafic de ses apparences, de ses compromis, de ses mensonges, commerçant avec ceux qui acceptent, d'eux mêmes, la même image, échappant aux inquiétudes et aux engagements dans cette ostentation bruyante, faible avec soi, faible avec autrui, ou bien traqué au-dedans, insolent au-dehors et pour se donner une contenance, faisant avec tout le monde les gestes sociaux de tout le monde.*» Este tipo de homem é o grande produto da civilização contemporânea, como se sabe; e não poderia também deixar de ter os seus intelectuais. Nada mais distante do verdadeiro intelectual que aqui se considera. Se o tipo de burguês é, em geral, uma medíocre caricatura da pessoa humana, neste plano das *élites* e sua mediocridade torna-se ainda mais insuportável. «*Faisant avec tout le monde les gestes sociaux de tout le monde.*» Ser passivo, comprometido, pobre racionalizador de interesses, fabricante de mitos conservadores, falsificando ao sabor das circunstâncias os valo-

SERVIÇOS DE CENSURA
(SEDE)
CORTADO

res autênticos, comprometendo-os sem escrúpulos nas hipocrisias mais torpes.

A impureza da acção — Ao passar à prática, o pensamento degrada-se com os imperativos de eficácia, sobretudo quando se procuram as alianças, as frentes comuns, quando se abandona a situação privilegiada de franco-atirador. Os que afirmam isto, têm em parte razão. Contudo, riscos sérios se correm também de degradar o pensamento por carência de acção; e tudo indica que estes riscos são mais graves do que os outros. No futebol, afirmam os entendidos, a «área da verdade» encontra-se nas proximidades das balizas, onde se decidem os jogos; na existência, a área da verdade não pode ser senão a própria existência, produto da interacção constante entre o que se pensa e o que se faz. O lavar de mãos de Pilatos não ficou na História como um exemplo edificante de abstenção. Pela última vez na presença de Cristo, a derradeira frase que pronuncia é uma interrogação indiferente: «Que é a verdade?...» Daí que a sua abstenção significasse a condenação para Cristo. Com efeito, o lavar as mãos significa, na maior parte dos casos, fragilidade do pensamento e, na prática, simples adesão ao que está, ou seja, em última análise, significa sujar realmente as mãos e da maneira mais inglória.

A vocação do isolamento — Certas vias existenciais do intelectual, como de qualquer homem, podem exigir a solidão, a renúncia à inserção na vida social comum ou, mais simplesmente, a renúncia à participação nos combates pela transformação da ordem social. Não é fácil, porém, conseguir uma fecundidade nessa renúncia. O intelectual, como intelectual, pode escolher ou encontrar múltiplas vias de corresponder honestamente ao apelo de solidariedade, e em certas circunstâncias o isolamento físico poderá até permitir a única ou mais eficaz via de corresponder a esse apelo. Aqui, porém, como em tudo, é imprescindível desconfiar da facilidade e das pseudo-justificações que a consciência humana é fértil em descobrir. Uma espécie de convicção de ser eleito, o amuo perante as incompreensões sofridas, a incapacidade para suportar o outro tal como ele é, e não como seria de desejar que fosse, podem constituir os verdadeiros motivos de um isolamento que se pretende dourar de nobres significações. Neste sentido, é particularmente perigoso o «isolamento» à escala de um grupo de iniciados, de «compreensivos», de um clube restrito de dialogantes (ou, mais exactamente, de ouvintes) dotados de características excepcionais merecedoras de tal privilégio. Nestas condições,

SERVIÇOS DE CENSURA
(SEDE)
CORTADO

em...D.../63

Prova n.º

Saída em 28/9/68



o isolamento é apenas a embalagem protectora da fragilidade e impotência do intelectual.

O apolitismo — A concepção maquiavélica da política afugenta muitos espíritos desse campo de acção. Max Weber diagnosticou bem essa atitude, distinguindo entre a afirmação de uma pureza que teme conspurcar-se na política e a realidade da tremenda exigência que significa a acção política para o intelectual, e a que este teme muitas vezes não ter força para responder. É necessário distinguir, antes do mais, entre acção com incidências políticas e acção partidária. A acção partidária, sendo evidentemente necessária, tem exigências próprias, resultantes da necessidade da eficácia imediata no terreno da conquista e manutenção do poder; sendo certo que algum ou alguns intelectuais se encontrarão sempre na origem da ideologia ou doutrina de qualquer partido que as possua, poucos serão os casos em que os mais ou menos distantes pensadores que originam os movimentos se sintam em plena concordância com estes. Seria no entanto, perigoso desdenhar, em geral e em absoluto, a acção partidária, deixando-a aos funcionários e aos puros profissionais da política. Em cada momento, e em cada sociedade, as circunstâncias ditarão a melhor forma de participação na edificação da sociedade. Reconhecer tudo isto não invalida, porém, que se atribua particular importância a essa área entre o pensamento individual, por mais cingido à prática que ele seja, e a reflexão enquadrada no movimento político: trata-se, afinal, do campo de debates em que melhor se poderá salvar a necessária ligação entre a ética e a política, entre a filosofia e a acção social.

A tentação tecnocrática — Existe hoje uma categoria social que muitas análises e discussões tem proporcionado aos sociólogos: o grupo dos técnicos. Muitos se têm insurgido contra essa nova forma de «tirania» — o governo dos técnicos — sem que, todavia, tenham conseguido precisar com segurança até onde tem chegado esse flagelo. Não oferece discussão o facto de os técnicos terem sido progressivamente chamados a maiores responsabilidades sociais. Se é verdade que, na maior parte dos casos,

SERVIÇOS DE CENSURA
(SEDE)
CORTADO

Provas remetidas à Censura

em 10 de 10.1963

Prova n.º 109

Saída em 28/9/63



há sempre no final a decisão ao nível político, esta decisão não deixa de ser influenciada, por vezes profundamente, pelas atitudes dos próprios técnicos. Há anos, em França, num congresso presidido pelo famoso sociólogo francês G. Gurvitch, com a participação de intelectuais — como Mounier e Lefèvre — e simples especialistas em questões sociais, procurou-se discutir esse problema da tecnocracia, sem que os resultados obtidos possam considerar-se brilhantes. Não se chegou a acordo, por exemplo, sobre se os técnicos constituem uma classe, se têm uma ideologia, ou mesmo se é legítimo falar de tecnocracia. Cremos que a resposta para todas estas questões é negativa: não existe uma classe de técnicos, estes não possuem uma ideologia própria e nem sequer faz muito sentido falar de tecnocracia. Afirmar isto, porém, não equivale a ignorar certos problemas reais e graves em torno da questão.

Em certas sociedades e pelo menos quanto a certas categorias de técnicos (incluindo, por comodidade, nesta designação os cientistas), estes gozam de uma influência social considerável, não só pelas decisões em que intervêm como também pela influência que exercem na opinião pública, particularmente no campo político. Por outro lado, num processo um tanto abusivo, os próprios técnicos promovem-se, ou são promovidos, num sentido sociológico, à situação de intelectuais. O técnico, como qualquer outro indivíduo, tem o direito e o dever de possuir ideias gerais, nomeadamente, de defender uma certa concepção de si mesmo, dos outros homens, e do mundo. O dever surge com toda a nitidez quando o técnico assume posições na sociedade cuja legitimidade nada tem a ver com a sua capacidade como técnico, em completa inconsciência da discontinuidade entre o técnico que apenas vestiu a pele do intelectual e o doutrinador, o filósofo ou o político. O direito carece de ser invocado quando os sistemas políticos encerram os técnicos no fácil refúgio da neutralidade da ciência. O essencial da questão surge neste ponto.

Os tempos actuais exigem, tem-se dito muitas vezes, uma humanização da técnica; se esta expressão tem qualquer significado, parece que, entre outras condições, se tornarão necessários os intelectuais de formação técnica e os técnicos com dimensão de intelectuais. Um humanista do tipo clássico desconfiará de qualquer das duas categorias: um humanista deste tempo reconhecerá que o intelectual de formação técnica — sobretudo no campo das ciências sociais — poderá contribuir seriamente para a ultrapassagem dos mitos, utopias e nebulosidades em que os melhores espíritos podem e têm incorrido. Há, porém, um mito extremamente perigoso, já mencionado, que dificulta a superação da simples categoria de técnico: as supostas neutralidade e objectividade da ciência. Se os técnicos tiverem ou têm alguma ideologia é seguramente essa;

SERVÍCIOS DE CENSURA
(SEDE)
CORTADO

em 10-10-63

Prova n.º 110

Saída em 28/9/63

não parece legítima, porém, tal designação aplicada a uma crença que, ou por ingenuidade (ainda que criminosa), ou por cobardia, se permite ser instrumento de qualquer ideologia verdadeira. Fazer, por amor à ciência, foguetões ou bombas atômicas não importa ao serviço de quê ou de quem; descobrir utilizações da substância humana como matéria-prima industrial; inventar processos de aumento da produtividade do trabalho não importa para benefício de quem e com sacrifício de quê; diagnosticar fria e «cientificamente» os defeitos de uma sociedade como sistema produtivo — eis alguns dos numerosos exemplos das monstruosidades a que o tecnicismo ou cientismo conduz.

IV

Ter-se-á generalizado em demasia. Ter-se-á sobretudo levantado muita caça para uma lamentável e desafortunada pontaria. É possível. Não se terminará todavia sem sugerir o que se pretendeu dizer, aqui e agora no País em que vivemos.

Para além de tudo que é evidente, existe também em Portugal um conflito de gerações. A crise da juventude — ainda mais um facto jornalístico — não tem felizmente, ao que parece, assumido entre nós as proporções que notícias alarmantes de outros países nos revelam. Mesmo assim, uma certa crise *de* juventude existe em Portugal.

Ora, ninguém negará que onde houver lugar para a esperança a palavra decisiva será dada pelos jovens. Estes, porém, até na sua rebeldia, no seu inconformismo, na sua disponibilidade, necessitam de mestres. Os exemplos de intelectual que se trouxeram a este texto não têm senão a intenção de revelar uma figura de homem que na sua grandeza — para além dos erros cometidos e das discordâncias profundas que sintamos com as suas atitudes — carece de ser evocada e realçada quando se parece trágicamente disposto a passar sem ela.

Algures no interior da Austrália um povo primitivo, agoniza nas primeiras fases da história humana; provavelmente, nem sequer sofre, porque fechado sobre si mesmo, impermeável a qualquer transformação, não pode saber um mínimo de aquilo a que renuncia e desaparece tranquilamente no isolamento que sempre conheceu. É certo que o homem da época interplanetária não se sente com facilidade satisfeito por ter sido contemplado com essa época do homem. No entanto, não poderá esquecer o juízo de Camus: «Uma época, em todo o caso, que não admite que possamos desinteressar-nos dela.»

SERVIÇOS DE CENSURA
(SEDE)
CORTADO